



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

EULLA PAULA BARBOSA DO NASCIMENTO ALENCAR

**A INFLUÊNCIA FAMILIAR NA VIDA ESCOLAR DOS(AS)
FILHOS(AS): um estudo de caso em uma escola da rede
municipal do Cabo de Santo Agostinho-PE**

RECIFE
2021

EULLA PAULA BARBOSA DO NASCIMENTO ALENCAR

**A INFLUÊNCIA FAMILIAR NA VIDA ESCOLAR DOS(AS) FILHOS
(AS): um estudo de caso em uma escola da rede municipal do
Cabo de Santo Agostinho-PE**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Cristina da Silva.

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A368i

Alencar, Eulla Paula Barbosa do Nascimento

A influência familiar na vida escolar dos(as) filhos(as): um estudo de caso em uma escola da rede municipal do Cabo de Santo Agostinho-PE / Eulla Paula Barbosa do Nascimento Alencar. - 2021.
82 f. : il.

Orientadora: Fabiana Cristina da Silva.
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2021.

1. Família-escola. 2. Famílias de meios populares. 3. Participação familiar. I. Silva, Fabiana Cristina da, orient. II. Título

CDD 370

EULLA PAULA BARBOSA DO NASCIMENTO ALENCAR

**A INFLUÊNCIA FAMILIAR NA VIDA ESCOLAR DOS(AS) FILHOS
(AS): um estudo de caso em uma escola da rede municipal do
Cabo de Santo Agostinho-PE**

Data da Defesa: 10/02/2021

Horário: 10:00 horas

Local: Sala _____ - UFRPE

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Fabiana Cristina da Silva (UFPE) - Orientadora

Prof. Dr. Aristeu Portela Júnior (UFRPE) - Examinador Interno

Profa. Dra. Andrea Tereza Brito Ferreira (UFPE) - Examinadora Externa

Resultado: () Aprovada

() Reprovada

Dedico esse trabalho a Deus. Em seguida, dedico aos três grandes amores da minha vida:

Com muito amor e gratidão, a minha mãe, Lucilene Nascimento, que não mediu esforços para lutar por minha educação; ao meu amigo, companheiro e marido, Lucas Alencar, que foi um grande incentivador dos meus estudos, e a minha avó, Severina Brito (*in memoriam*), que não está mais entre nós, mas continua sendo uma das minhas maiores forças na vida.

AGRADECIMENTOS

Chega ao fim um ciclo de muitas risadas, choros, felicidades e frustrações. Agradeço imensamente a Deus por ter iluminado o meu caminho e me abençoado todo tempo. Agradeço infinitamente à minha mãe, Lucilene Nascimento, por batalhar para me oferecer uma educação de qualidade. Todo seu cuidado e dedicação me deram forças para seguir, mostrando que não estou sozinha nessa caminhada.

Agradeço muito à minha avó, Severina Brito (*in memoriam*), que sempre acreditou no meu potencial e nos meus sonhos. Obrigado por se fazer presente em todos os dias da minha vida nos meus pensamentos e no meu coração. Amo você mais do que eu poderia falar.

Não tenho nem palavras para agradecer ao meu esposo, Lucas Alencar, que, ao longo de todos os anos de curso e da produção dessa monografia, me deu não só força, mas apoio para vencer essa etapa da minha vida. Você que se desdobrou para me ajudar durante todo o curso e não me deixou fraquejar nunca. Obrigada, amor da minha vida, por aguentar tantas crises de estresse e ansiedade. Sem você do meu lado, realizar esse sonho não seria possível. Amo você.

Agradeço muito a minha orientadora, Fabiana Cristina cuja dedicação e paciência serviram como pilares de sustentação para a conclusão deste trabalho. Sou grata por tudo, por toda parceria e companheirismo durante esse trabalho, e além de tudo por acredita em mim sempre permitindo assim que eu me superasse cada vez mais.

Agradeço, ainda, a todos os professores que, durante o percurso da graduação, me ajudaram de alguma forma.

Não poderia deixar de agradecer às grandes amigas que a pedagogia me deu: Eliete Vieira, Cybelle Medeiros, Wedja Ferreira e Angelina Xavier, vocês foram grandes incentivadoras deste trabalho, parceiras de todas as horas. Quantas coisas passamos juntas durante esses anos de graduação. Obrigada por nunca me

deixarem desanimar. Vocês foram peças fundamentais dessa conquista. Não tenho como demonstrar em palavras o amor que sinto por cada uma de vocês.

Agradeço às famílias participantes desta pesquisa, por compartilharem comigo seu tempo, assim como suas histórias para que este trabalho pudesse ocorrer. De antemão, peço desculpas por alguma lacuna deixada por mim. Meu muito obrigada a todos.

Agradeço, ainda, à escola onde foi realizada a pesquisa, por abrir as portas para mim, de forma que eu me sentisse bastante acolhida e confortável para poder realizar meu trabalho. Não posso deixar de agradecer à professora que compartilhou comigo sua sala de aula e me ajudou durante todo tempo. Sou grata por todo conhecimento que ela me passou, assim como a forma carinhosa com que fui tratada durante todo período em que estivemos juntas.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização da minha pesquisa.

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção”*

Paulo Freire.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender a influência exercida pela família na vida escolar de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal do Cabo de Santo Agostinho- PE. Baseamo-nos em autores como Nogueira (2005; 2006; 2015), Resende (2013), Andrade(2015), Silva (2005; 2017) e Santo (2013). A partir da metodologia, baseada na análise de conteúdo de Junior *et. al.* (2010), construímos nove categorias de análise para um universo de seis famílias. Utilizamos a entrevista estruturada como principal instrumento de pesquisa. Os resultados apontaram que as principais formas de influência realizadas pelas famílias são: incentivar e dar exemplos; realizar o traslado de casa para escola e da escola para casa; zelar pelos materiais escolares; auxiliar nas atividade escolares; participar de reuniões e comemorações; conversar com a professora da turma, bem como com a gestão. Esse trabalho nos mostra a necessidade de continuar refletindo sobre as relações entre família e escola e aponta a necessidade de compreender ainda mais o papel que cada uma dessas instituições exerce na vida dos sujeitos, visto que a participação ativa da família no cotidiano escolar dos filhos(as) e a influência causada em decorrência dessa participação é fator determinante para o desempenho e desenvolvimento do(a) aluno(a) durante todo seu período de escolarização.

Palavras-chave: Família-escola; famílias de meios populares; participação familiar.

ABSTRACT

As its main objective, this research was conducted to understand the influence exerted by families in the school life of children on the 1st grade of elementary school of the school network of Municipal do Cabo de Santo Agostinho-PE. Based on authors such as Nogueira (2005; 2006; 2015), Resende (2013), Andrade (2015), Silva (2015; 2017) and Santo (2013). Based on the methodology based on the content analysis of Junior et. Al (2010) we built nine categories of analysis for a universe of six families. We use the structured interview as the main research tool. The results showed that the main forms of influence exerted by families are: give incentives and examples; transfer from home to school and from school to home; take care for school materials; assist in school activities; participate in class meetings and school celebrations; talk to the teacher and school management. This work shows us the need to continue reflecting on the relationship between family and school and points out the need to better understand the role that each of these institutions play in the lives of the subjects. The active participation families in their children's school routine, and the influence caused as a result of this participation, is a determining factor for the performance and development of the student throughout this period of time.

Keywords: Family-School, Popular families, Family participation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: FAMÍLIA, TRAJETÓRIA DA INFÂNCIA E DO PROCESSO EDUCATIVO E A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE	14
1.1 Famílias de meios populares: conceitos.....	14
1.2 Uma breve história sobre a infância e o início do processo educativo.....	15
1.3 Relação família-escola na atualidade.....	17
CAPÍTULO II - O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE FAMÍLIAS E ESCOLA?	22
2.1 Estado da arte das pesquisas na área	22
2.2 A importância do dever de casa	31
2.3 A influência da classe social na delimitação da escola.....	34
2.4 Os impactos das diferenças de gênero no processo de ensino-aprendizagem	36
2.5 A participação da família e o desempenho escolar	39
CAPÍTULO III: REFLETINDO SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO	43
3.1 Natureza e tipo de pesquisa.....	43
3.2 Instrumentos de coleta de dados	43
3.3 O campo e os sujeitos da pesquisa.....	44
3.4 Técnica de análise de dados.....	45
3.5 Breves notas em relação às entrevistas.....	46
CAPÍTULO IV: DIALOGANDO SOBRE OS RESULTADOS DA RELAÇÃO FAMÍLIA/ ESCOLA E ESCOLA/FAMÍLIA	49
4.1 O perfil das famílias estudadas	49
4.2 “ <i>Sou exemplo</i> ”: refletindo sobre a influência familiar no ambiente escolar	54
4.2.1 A referência pessoal e na vida escolar.....	54
4.2.2 Relação Família-Escola	56
4.2.3 Importância da escola na visão da família	57
4.2.4 A escolha da escola e seus motivos	58
4.2.5 Participação das atividades escolares: formas e responsáveis.....	60
4.2.6 O traslado entre casa/escola e escola/casa	65
4.2.7 Rotina dos(as) filhos(as) em casa	66
4.2.8 O comportamento e interesse dos(as) filhos(as) com relação à escola	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICES	80

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM AS FAMÍLIAS/ RESPONSÁVEIS	80
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO: PROFESSORA FAMÍLIA/RESPONSÁVEIS.....	82

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da educação da humanidade, família e escola são duas instituições que exercem uma enorme influência no desempenho e na aprendizagem dos alunos. Mesmo atuando em funções distintas elas complementam-se, pois compartilham da tarefa de formar integralmente esses alunos. A família, por sua vez, continua sendo o primeiro local de aprendizado das crianças e é através dela que acontecem os primeiros contatos sociais, além das primeiras experiências educacionais da vida.

Desse modo, a influência exercida pela família no ambiente escolar é de extrema importância, visto que ocorre de várias maneiras. Essa ação pode ser negativa ou positiva, afetando diretamente o comportamento dessa criança, assim como sua vida escolar.

Sendo assim, apresenta-se a seguinte pergunta norteadora dessa pesquisa: Quais as formas mais frequentes de influência familiar na vida escolar de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma Escola da rede municipal do Cabo de Santo Agostinho-PE?

Nesse contexto, delimitou-se o seguinte objetivo geral da pesquisa: *compreender a influência exercida pela família na vida escolar de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma Escola da rede municipal do Cabo de Santo Agostinho- PE.*

Contudo, para alcançar o objetivo geral, traçaram-se os seguintes objetivos específicos: *caracterizar as configurações familiares e compreender qual a realidade social e econômica na qual essa família está inserida; compreender as formas de influência exercidas pela família na vida escolar das crianças; identificar os sujeitos que realizam as atividades relacionadas ao universo escolar e analisar como a família entende a sua ação na vida escolar das crianças.*

O interesse por essa temática se deu através de estágio realizado em uma escola municipal, onde foi possível perceber que a família exercia influência na vida escolar dos(as) filhos(as). A partir disso, surgiu o interesse em analisar e refletir sobre quanto importante é o papel da família na vida escolar das crianças, e como essa

atuação acontece, uma vez que, enquanto futura pedagoga, faz-se necessário criar estratégias para fazer com que a família auxilie no desenvolvimento dos(as) filhos(as).

Em suma, podemos perceber que a relação família-escola é de fundamental importância na vida escolar e familiar dos(as) filhos(as), e que essa relação deve ser marcada pelo diálogo, trocas e companheirismo. É primordial que isso aconteça, uma vez que essa relação terá reflexo direto na vida dos(as) filhos(as). A família e a escola, em conjunto, devem assumir a responsabilidade da formação desses sujeitos para prepararem-nos para a sociedade.

Assim, o estudo dessa temática é de extrema relevância para a área acadêmica de pedagogia, pois, como Libâneo, José Carlos ressalta (2001, p. 6), a pedagogia:

[...] não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas. O campo educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola.

Tanto a família como a escola fazem parte desse campo educativo. O papel de uma não anula o da outra e ambas devem cumprir seu papel de educar esses(as) filhos (as). Percebemos, então, a importância que a influência familiar tem na vida escolar desses(as) filhos(as), pois a família em conjunto com as outras modalidades têm o dever de formar esses(as) filhos(as) em cidadãos conscientes e ativos na sociedade.

Cabe ressaltar ainda que a temática estudada neste trabalho se afina a um agrupamento de artigos, que, segundo Nogueira, Maria Alice (2015), buscam investigar aspectos da *influência da família e da escola na trajetória ou no desempenho escolar do estudante*.

Para alcançar os objetivos propostos, esta monografia está organizada em quatro capítulos. No primeiro e segundo capítulos, apresentaremos a fundamentação teórica que utilizamos como base do processo de construção dos argumentos teóricos desta pesquisa.

No terceiro capítulo, apresentaremos a metodologia da pesquisa, onde iremos explicitar a sua natureza da pesquisa, seus meios e os instrumentos utilizados. Também será explicitado o universo pesquisado e, por fim, os sujeitos participantes

do estudo. Será apresentada, ainda, a metodologia de análise dos dados coletados, bem como será feita uma breve contextualização das entrevistas realizadas. A metodologia adotada é um estudo de caso com abordagem qualitativa, com realização de entrevistas estruturadas com as famílias dos(as) alunos(as) do 1º ano do Ensino Fundamental.

No quarto capítulo, apresentaremos a análise e discussão dos resultados do estudo. Finalizaremos o presente trabalho com as considerações finais sobre a pesquisa.

CAPÍTULO I: FAMÍLIA, TRAJETÓRIA DA INFÂNCIA E DO PROCESSO EDUCATIVO E A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo, iremos falar sobre a conceituação da instituição¹ família, usada no presente trabalho, assim como discorreremos um pouco sobre a história da infância e o início do processo educativo das crianças. Abordaremos, ainda, a relação entre as instituições família e escola na atualidade.

1.1 Famílias de meios populares: conceitos

Levando em consideração as mudanças que ocorrem na instituição família ao longo dos tempos, faz-se necessário iniciar esta monografia conceituando como entendemos esta Instituição, para que ocorra a compreensão das discussões que serão levantadas a seguir.

Sendo assim, o entendimento do conceito da instituição família, neste trabalho, se dá com base nas considerações das autoras Nogueira (2005) e Sarti, (1996). Segundo Nogueira (2005, p. 570), a família “é uma instituição mutante por excelência e apresenta configurações próprias a cada sociedade e a cada momento histórico, embora sua existência seja um fato observado universalmente”. Entretanto, como nessa pesquisa nosso foco são as famílias oriundas de meios populares, por terem esse diferencial de classe social, isto também modifica suas conceituações. De acordo com Sarti (1996, p.49 *apud* SILVA, 2017, p. 33), a família:

[...] não se constitui como núcleo, mas como uma rede com ramificações que envolvem a rede de parentesco como um todo, configurando uma trama de obrigações morais que enreda seus membros, num duplo sentido ao dificultar sua individualização e, ao mesmo tempo, viabilizar sua existência com apoio e sustentação básicos.

Ainda segundo Sarti (*ibidem*), são integrantes de uma família “aqueles com quem se pode contar”.

¹ Utilizamos o conceito de instituição para nos remeter às duas principais instâncias de socialização e mobilização dos indivíduos: Família e Escola, assim como também é utilizado por Nogueira (2005) e outros.

Sendo assim, as famílias de meios populares, como afirma Silva, Fabiana Cristina da (2015), não são homogêneas entre si e quase sempre são constituídas através de uma rede de apoio.

1.2 Uma breve história sobre a infância e o início do processo educativo

Desde muito tempo atrás, a família e a escola mantêm uma relação complexa que vem tomando diversas configurações com o tempo. Já podemos constatar essa relação na Idade Média, onde a família, segundo Ariès, Philippe (1981), tinha como principais propósitos a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, e a perpetuação do seu nome, tendo todos esses elementos como parte do processo educativo.

Ainda segundo Ariès (1981), até aproximadamente a metade do século XV, o sentimento de família e infância não se faziam presentes no dia a dia das pessoas. Havia apenas um mundo tanto para os adultos como para as crianças, crianças essas que eram vistas como “miniaturas” dos adultos.

Dessa maneira, a família nessa época tinha uma função, como foi dito anteriormente: conservar seus bens, a prática comum de um ofício e a continuação do seu nome. Durante um longo período, a educação dessas crianças era de responsabilidade especialmente da família.

Porém, muitas vezes, essa responsabilidade não recaía apenas para a própria família e, sim, para uma outra família para qual essa criança era mandada para aprender um ofício, não havendo, dessa maneira, um sentimento profundo entre pais e filhos. Todavia, isso não significa afirmar que este sentimento não existia, pois, ainda segundo Ariès (1981, p. 231), “[...] a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental”, de modo que, nos meios mais ricos, a família era confundida com o sucesso do patrimônio e da honra do seu nome. Já o sentimento de família entre os pobres pouco existia. Percebemos que a aprendizagem nessa época tinha um propósito específico: o de ensinar um ofício para essas crianças.

Nesse momento histórico, a criança que adquiria conhecimento doméstico era considerada digna e facilmente se embaralhava com a aprendizagem. Ariès (2006, p. 228) afirma ainda que “era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a

uma criança, não ao seu filho, mas ao filho do outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir”. Pois, assim, a educação era feita também através da aprendizagem.

Em seguida, o sentimento de infância que não fazia parte do cotidiano das pessoas começou a ser desenvolvido. Dessa maneira, no final da Idade Média e entre os séculos XVI e XVII, a criança conseguiu conquistar um lugar junto a seus pais, em que passa a receber uma maior atenção por parte dos adultos. Desse modo, tudo que era referente à família e a essas crianças tornou-se digno de atenção. Segundo Ariès, (1981) as famílias, cada vez mais, se concentraram em torno das crianças. Sendo assim, de acordo com Nogueira (2006, p. 161),

Tendo se tornado quase impossível à transmissão direta dos ofícios dos pais aos filhos, o processo de profissionalização passa cada vez mais por agências específicas, dentre as quais a mais importante é, sem dúvida, a escola.

A escola vai se transformar, portanto, em uma das instituições mais viáveis para a educação das crianças, deixando de ser a família a única responsável por tal função. Segundo Ariès (1981, p. 187),

A escola medieval não era destinada as crianças, era uma espécie de escola técnica destinada à instrução dos clérigos, “jovens ou velhos”, como dizia o Doctrinal de Michault. Ela acolhia da mesma forma e indiferentemente as crianças.

Vale ressaltar que nem todas as crianças ou jovens tinham acesso a esse modelo de escola. Além disso, existia a mistura de idade entre eles, seguindo um modelo de disciplina mais autoritária. Por isso, Ariès (1981) diz ainda que o jeito com que as famílias deviam educar suas crianças foi alterado com o surgimento do sentimento de infância. A escola tornou-se, então, uma ferramenta de suma importância na iniciação desses indivíduos ao meio social. Ferramenta essa com uma enorme função: a de assumir a educação em conjunto com as famílias. A escola viria para ajudar a família na educação de seus filhos, acrescentando e não se tornando a total responsável por tal ação.

Em síntese, inicialmente a família não era uma instituição que colocava o lado sentimental em primeiro lugar. Para ela, a realidade moral e social tinha mais relevância do que o sentimento. Porém, isso não significa que não existia sentimento. A criança era vista como uma versão do adulto e era tratada com tal. Depois, com o

surgimento do “sentimento” de infância, a família passa a reconhecer a criança enquanto um ser que precisava de atenção. Como sendo sua função, as famílias tinham como responsabilidade educar essas crianças e não apenas só ensinar um ofício de trabalho. Atualmente, é dever da família, da escola, da sociedade e do Estado garantir a educação dessa criança.

1.3 Relação família-escola na atualidade

Diante da contextualização histórica apresentada, pode-se dizer que a família teria então a responsabilidade pela formação da criança, enquanto que a escola ficaria responsável pela sua informação e socialização. Atualmente, a família tem a seguinte função, segundo o Art. 227 da Constituição da República Federativa do Brasil (1988),

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Logo, é possível perceber que a família em conjunto com a sociedade e o Estado devem garantir não só à criança como também ao adolescente direitos básicos de sobrevivência, educação, lazer e, acima de tudo, manter esses indivíduos a salvo e lhes garantir uma convivência comunitária na sociedade.

Ainda segundo o Art. 229 da Constituição da República Federativa do Brasil (1988), “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos”. Sendo assim, entende-se que é dever da família, como primeira instituição da vida de uma criança, repassar os princípios de moralidade, caráter, crenças e ainda deve oferecer todo aparato emocional, físico e afetivo. Também é dever da família oferecer um ambiente adequado para aprendizagem e ser encarregada da tarefa de socialização dessa criança, ensinando, assim, valores e introduzindo esse indivíduo na sociedade. Diante disso, podemos perceber que a família desempenha variadas funções.

Também destacamos que, segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996, Art. 2º,

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno

desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, Art. 2).

Portanto, podemos refletir que família e escola são parceiras na construção de conhecimentos, possuem ainda uma interligação, e faz-se necessário que cada uma realize sua função da melhor maneira possível.

Cabe ressaltar que existem atualmente vários modelos de família. A sociedade modificou-se desde a Idade Média, onde só existia a família nuclear, composta por um homem, uma mulher e seus filhos. Hoje, existe uma diversidade de modelos familiares, como, por exemplo: famílias recompostas, onde um ou ambos cônjuges têm filhos de uma união anterior a deles e constituem uma nova família juntos; os de família patrifocais, onde o pai possui a guarda dos filhos e vive com eles; a família monoparental, que é aquela família formada por um dos pais e seus descendentes avó, avô e seus netos, entre muitos outros modelos familiares.

Deste modo, pode-se perceber a diversidade de famílias existentes, não havendo um grupo familiar ideal. Logo, é importante que exista o respeito para com esses grupos familiares, não ocorrendo discriminação com nenhum deles.

Já a escola tem como função social, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), formar o cidadão e, dessa maneira, garantir as finalidades dispostas no Artigo 22, “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

A escola tem como função a mediação dos conhecimentos, valores e habilidades, que são necessários para a socialização dos indivíduos na sociedade e com o meio em que vivem. Deve, ainda, preparar esse indivíduo para o mercado de trabalho. É na escola onde esse indivíduo irá desenvolver sua aprendizagem física, cognitiva, bem como afetiva, além de ser o lugar onde esse indivíduo aprende a lidar com as diversidades, aprende a ouvir, a pensar, a analisar e questionar. O papel principal da escola é o de formar esse cidadão.

De acordo com Libâneo (2002, p.51), “O mundo da escola é, pois, o mundo do saber: saber ciência, saber cultura, saber experiência, saber modos de agir, saber estratégias cognitivas, saber sentir. Mas é o mundo do conhecimento.” A escola tem

como desafios proporcionar um ambiente que favoreça o aprendizado de maneira prazerosa. Deve mostrar às crianças as diversidades existentes para que elas possam aprender a respeitá-las.

Cabe à escola também, demonstrar interesse por toda bagagem que a criança já possui e todo o conhecimento que ela adquiriu além dos muros da escola, pois tudo tem importância, tudo tem significados, em razão de que a criança aprende a todo momento em todo lugar.

Sendo assim, podemos perceber que tanto a família quanto a escola são instituições com funções específicas, mas que, ao mesmo tempo, se complementam, uma vez que ambas compartilham da função de educar. Além disso, a busca de uma boa relação entre ambas deve fazer parte de qualquer trabalho educativo que tenha como foco a criança. A participação dos pais na educação dos filhos deve ser constante e muito consciente, pois a vida familiar e a vida escolar da criança acontecem simultaneamente e complementam-se.

A relação escola-família torna-se essencial, a partir do momento em que se configura como um processo capaz de influenciar diretamente na relação ensino-aprendizagem da criança, pois a formação dessa criança tem mais êxito quando ambas Instituições mantêm uma parceria de harmonia e companheirismo. O respeito mútuo se faz necessário e, acima de tudo, o diálogo é peça principal nessa construção.

Porém, a participação da família, em muitos contextos, se resume ao comparecimento em reuniões escolares, datas comemorativas e quando são chamados na escola para resolver problemas relacionados aos seus filhos. Mas, sem dúvida, o “dever de casa” nos estudos sobre a relação família-escola ocupa um lugar de destaque. Mesmo que esta seja uma atividade do aluno que é realizada em casa, quem irá auxiliar, por muitas vezes, essa criança será sua família. Desse modo, essa atividade torna-se o principal meio de comunicação com as famílias.

Para Resende, Tânia de Freitas (2013), no olhar dos educadores, o dever de casa é uma forma de comunicação com as famílias, um meio de envolvê-las na vida escolar das crianças. E o dever de casa tem seu lugar de destaque nessa relação, por

ser um meio de comunicação de maneira indireta entre família e escola. Todavia, pode ser visto como uma janela onde será possível olhar a relação entre ambas Instituições.

Em complementação, Nogueira (2006) também fala que os canais de comunicação com os pais têm ido além das participações tradicionais, como na presença em reuniões. Atualmente, existem mais canais para a participação da família no ambiente escolar como: palestras, cursos, conversas na entrada e saída dos alunos, bilhetes na agenda, entre vários outros meios de participação.

No entanto, o que se percebe na atualidade é um novo paradigma na educação: as funções da família e da escola têm sido confundidas e, assim, responsabilidades da família acabam sendo delegadas à escola. Neste contexto, Bastos, Rita de Cássia P. Silva (2011, p. 1) expõe que:

O que vemos hoje, por conta da correria atual, é que os pais estão delegando a outros essa tarefa tão importante que é EDUCAR, sendo esta tarefa de responsabilidade exclusiva dos pais e não de babás, tias, avós, sendo estas pessoas muito importantes, como apoio desse processo educativo quando seguem a mesma linha de educação.

Portanto, uma educação adequada para a criança é aquela onde ocorre uma troca educacional entre ambas partes, ou seja, as duas Instituições trabalhando em parceria. Dessa forma, a presença da família na escola não pode ser vista como um “empecilho” ou um “incomodo”. Ao contrário, deve ser vista como uma coisa boa, um ponto positivo para formação das crianças que, para ser completa, depende diretamente da perfeita harmonia entre família e escola, visto que a família vem para somar nas ações da escola e vice-versa. Logo, é de grande importância que a família ressalte sua participação na escola, demonstre a relevância da sua presença e os resultados dessa atuação na vida escolar da criança.

A escola tem o dever de incentivar e criar oportunidades para que a família se sinta confortável e participe ativamente da vida escolar da criança. Em consequência disso, o sucesso na relação entre as duas instituições garante, também, o sucesso na educação e formação completa da criança como cidadã crítica e ativa na sociedade.

Neste capítulo, vimos que o conceito de família é mutável de acordo com a sociedade, e que a família é com quem se pode contar. A infância, que não fazia parte do cotidiano das pessoas, passa a ganhar espaço, e a criança conquista seu lugar na sociedade. Assim, o processo educativo torna-se responsabilidade das instituições

família e escola, uma ajudando a outra a desempenhar suas respectivas funções. No próximo capítulo, será apresentado um levantamento bibliográfico sobre as instituições família e escola.

CAPÍTULO II - O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE FAMÍLIAS E ESCOLA?

Neste capítulo, os resumos e as contribuições destes para a presente pesquisa serão apresentados. Os resumos apresentados falam sobre a relação família-escola. Eles foram encontrados durante a pesquisa realizada na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), selecionados das últimas três reuniões dos últimos 5 anos (2013-2018) no GT-14 intitulado “Sociologia da Educação”. Então, realizamos um levantamento bibliográfico sobre a relação família-escola, objetivando construir um estado da arte sobre o tema. Utilizamos como busca a seguinte palavra-chave: Família-Escola. Desse modo, foram encontrados sete (7) trabalhos, todos no GT-14.

A partir do que foi encontrado no levantamento bibliográfico, os artigos a seguir são os mais relevantes para a temática estudada neste trabalho.

2.1 Estado da arte das pesquisas na área

Um dos artigos mais expressivos sobre a temática pode ser considerado um estado da arte, realizado no campo das dissertações e teses. É o artigo intitulado “*Teses e dissertações sobre a relação família-escola no Brasil. (1997-2011): um estado do conhecimento*”, de Nogueira (2015).

A autora inicia a introdução do artigo abordando que não seria correto afirmar que a categoria “família” só surgiu recentemente na pesquisa sociológica em Educação, pois “família” já se fazia presente na literatura sociológica, desde as décadas de 50 e 60. O que constitui novidade hoje é o modo de tratamento que as novas gerações de sociólogos vêm reservando para a família.

Nos anos que se seguiram, no final da Segunda Guerra Mundial, todo um conjunto de pesquisas empíricas foi desenvolvido nos principais países ocidentais industrializados, trazendo como foco o meio familiar de origem, como um poderoso fator explicativo das desigualdades das oportunidades escolares. Tais pesquisas estavam restritas às características morfológicas do grupo familiar e os seus resultados indicavam que as vantagens econômicas tinham sobre o desempenho escolar um efeito menor do que aqueles dos fatores socioculturais.

Já nos anos 70, onde o contexto teórico foi dominado pelo paradigma da reprodução, o papel da família ficou quase que praticamente reduzido à transmissão aos descendentes de uma herança (material ou simbólica), a qual seria determinante para os resultados escolares do indivíduo, beneficiando, desse modo, os grupos que eram socialmente favorecidos. Portanto, se, por um lado, as análises sociológicas realizadas até fins dessa época não deixaram de reconhecer o papel da família na escolaridade dos indivíduos, por outro, elas promoveram sua diminuição ao deduzi-lo a partir da condição de classe do grupo família.

Entretanto, a partir dos anos 80, graças a um movimento de reorientação de seus objetivos e de métodos investigativos, a sociologia da educação voltou seu olhar para as esferas microscópicas da realidade social, e em particular para o estabelecimento do ensino, a sala de aula, o currículo e a família.

Assim, os pesquisadores partiram em busca do conhecimento das múltiplas e variadas estratégias que as famílias contemporâneas desenvolvem no que tange à escolarização de seus filhos, algumas mais explícitas outras mais implícitas, sendo essa última menos acessível ao pesquisador, pois supõe um trabalho de observação direta do dia-a-dia de uma instituição como a família, além de mudanças internas ao pensamento sociológico, no sentido de atribuir uma maior autonomia às condutas dos atores sociais com relação aos determinantes sociais.

Diante da emergência desse campo de estudo através de um novo contexto social, onde o aspecto mais importante desse contexto é a intensificação dos laços que unem família e escola, essas duas instâncias de socialização começaram a se intersectar. Desse modo, a autora destaca que se assiste hoje a uma proliferação, tanto na Europa como também na América do Norte, sobre o trabalho do grupo familiar. No Brasil, esses estudos também vêm ganhando impulso e desempenhando papel significativo.

Por isso, Nogueira (2015) destaca que já era hora de começar a investigar os contornos e as condições das recentes produções brasileiras das óticas a seguir: Que objetos têm sido privilegiados? Quais as perspectivas analíticas e os procedimentos metodológicos adotados? Quem são os autores de referência? Quais são os *loci* privilegiados desse trabalho? E foi no intuito de responder a essas questões que foi

iniciado, em 2009, um estudo no formato de balanço teórico do conjunto de dissertações e teses sobre a questão, defendidas nos Programas de Pós-Graduação brasileiros e cadastradas no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Tratando-se de um estudo de caráter documental, bibliográfico e descritivo, que corresponde às características de um estado do conhecimento, a autora destaca que, quando iniciada, a pesquisa não localizou nenhum estado da arte ou do conhecimento realizado antes no Brasil a respeito da relação família-escola. Porém, durante o desenvolvimento do estudo, a autora entrou em contato com as produções de Almeida (2010), Santos e Rocha (2010) e Dias (2009). Mesmo assim, nenhum dos casos se tratava de trabalho na perspectiva da sociologia da educação.

Nogueira (2005) inicia o tópico procedimentos metodológicos, indicando que o primeiro passo da pesquisa consistiu em um levantamento bibliográfico geral na internet sobre os diferentes gêneros da produção brasileira sobre a relação família e escola. A base documental principal do estudo foi o banco de teses e dissertações da CAPES, em razão da sua abrangência.

Em uma segunda etapa da investigação, no ano de 2013, foi verificando que estavam disponíveis no Banco os resumos de trabalhos defendidos até o ano de 2011. Por essa razão, foi decidido estender a pesquisa até eles. Assim, para realizar esse mapeamento, foi utilizada a ferramenta disponibilizada pelo Banco da CAPES, procedendo a busca por assunto/ano base, com o uso dos seguintes descritores: Escola família; escolar familiar; prática educativa familiar. Desse modo, iniciou-se a primeira etapa da pesquisa propriamente dita, com o levantamento de todas as teses e dissertações de cada ano, de 1997 a 2011, o que restou em uma lista de trabalhos das mais variadas áreas do conhecimento.

Em seguida, se deu a seleção dos trabalhos que efetivamente abordavam a relação família-escola, o que foi feito por meio da leitura do título e, às vezes, dos resumos ou, ainda, das palavras-chave constantes na ficha referente da obra. Assim, tornou-se importante definir qual a concepção de relação família-escola iria trabalhar. Foi adotada, então, a concepção proposta por Silva (2012). Para ele, a relação família-escola abrange todo tipo de ligação, assim como interações entre atores familiares e

atores escolares. Portanto, na análise dos títulos, resumos e das palavras-chave foi considerado que abordavam a relação família-escola os trabalhos que focalizavam a influência/ação de uma instância sobre a outra, as interações entre elas ou as representações de uma sobre a outra.

Chegando por meio dessa relação a um conjunto de 266 (duzentos e sessenta e seis) trabalhos, os quais foram organizados por ano de defesa em planilhas com os seguintes dados: ano, tipo, título, programa/universidade, área de conhecimento, orientador e palavras-chave².

A partir dos resultados, a autora começa destacando que foi identificado no período analisado: um total de 266 trabalhos, que abordavam diretamente a relação família-escola, a partir de diferentes áreas do conhecimento. Acrescente-se que foi constatado maior número de dissertações de mestrado sobre o assunto (227 - duzentas e vinte e sete), enquanto que foram identificadas apenas 39 (trinta e nove) teses de doutorado. Nogueira (2005) ainda destaca que 2007 foi o ano com maior número de teses de doutorado, sendo defendidas 7(sete) sobre o assunto; em 2008, houve a maior produção de dissertação de mestrado: 28 (vinte e oito), dentro do recorte de tempo analisado.

Dessa forma, considerando o interesse nos estudos que abordam relação família-escola, faz-se necessário haver uma distinção nos trabalhos por área de

² Desse modo, esse procedimento evidenciou que a área de conhecimento existente nas fichas do Banco da CAPES nem sempre são precisas. Outra etapa do trabalho foi a classificação dos trabalhos por área de conhecimento, a qual levou em conta a área identificada na ficha do banco CAPES, porém não se limitou a ela. Dessa maneira, a partir desses primeiros, a autora fala que foi possível analisar algumas tendências predominantes na produção dos programas de pós-graduação brasileiros sobre a relação família-escola, com destaque nos seguintes aspectos: evolução do número de trabalhos por nível ao longo dos 14 anos contemplados na pesquisa; distribuição dos trabalhos por área de conhecimento; distribuição dos trabalhos por instituição e por região no país; distribuição dos trabalhos por orientador/grupo de pesquisa. Nogueira (2015) frisa que a pesquisa se interessa de modo particular pelos trabalhos vinculados à sociologia da educação. Por isso, a etapa seguinte consistiu na seleção das teses e dissertações ligadas à área, identificar para cada trabalho, principalmente os seguintes elementos: ano; nível; título; universidade; orientador; tema; referenciais teóricos; procedimentos metodológicos utilizados; nível de ensino investigado; campo empírico e principais resultados encontrados. Assim, foi possível traçar um panorama global da produção científica brasileira contemporânea no campo da sociologia das relações família-escola, identificando suas principais tendências e lacunas, bem como resultados convergentes e divergentes. A autora fala que a última fase da pesquisa consistirá em um aprofundamento desses resultados, com a seleção de alguns para leitura completa e análise mais detalhada.

conhecimento, ressaltando, ainda, a nítida preponderância dos Campos da psicologia e da sociologia em relação às demais.

Ao analisar a distribuição dos trabalhos por instituição, duas instituições se destacam isoladamente: a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), observando, assim, uma clara preponderância de instituições da região sudeste. Nogueira (2015) inicia o tópico “Trabalhos na perspectiva da Sociologia”, destacando que foi identificado, dentre os 266 (duzentos e sessenta e seis) trabalhos sobre a relação família-escola, um grupo de 88 (oitenta e oito) trabalhos situados numa perspectiva sociológica que passou a ser o foco principal da pesquisa.

Em relação à abordagem teórica metodológica dos 88 (oitenta e oito) trabalhos, os resumos permitiram identificar o terreno empírico das pesquisas, a metodologia adotada, assim como os principais referenciais teóricos que foram utilizados. Já quanto ao terreno empírico, observou-se uma clara predominância de trabalhos que interrogaram tanto a escola quanto a família (cerca de 68% dos trabalhos). Em desvantagem, houve aqueles que se restringiram somente à família (27,5%) ou apenas à escola (2,5%).

Constatou-se, também, a predominância de trabalhos que focalizaram as classes populares com grande diferença dos que investigaram classes médias. Uma porcentagem mínima enfocou as elites econômicas ou culturais. A autora destaca, ainda, que uma parte das teses e dissertações focalizou mais de um meio social.

Já em relação aos procedimentos metodológicos empregados nesses 88 (oitenta e oito) trabalhos, o grande destaque é para entrevista, seguida da observação e aplicação de questionários/*survey*, além da análise documental. Dessa forma, esses dados indicam a predominância de estudos qualitativos de caráter microssociológicos na sociologia das relações família-escola, praticada atualmente no Brasil.

No que diz respeito aos referenciais teóricos utilizados nesses trabalhos, foi constatada a dificuldade de levantar informações. Desse modo, a autora optou por identificar de forma simples a frequência com que os autores eram mencionados. Nesse contexto, Pierre Bourdieu foi o autor mais citado nos resumos, seguido por Bernard Lahire, Norbert Elias, Daniel Thin, François Dubet, Bernard Charlot e François

de Singly, além de Nogueira Vianna e Porte. Os únicos autores de língua inglesa citados mais de uma vez nos resumos foram Basil Bernstein e Anete Laureau.

Coletadas as principais informações referentes à abordagem teórica e metodológica dos trabalhos, a autora fala que finalmente chegou ao principal foco do seu interesse: a identificação dos objetos de pesquisa abordados e dos principais resultados encontrados. A sociologia das relações família-escola tal qual vem sendo desenvolvida nos países ocidentais tem se estruturado em torno de alguns subtemas. Assim, foram definidos cinco agrupamentos. Trata-se de uma divisão que tenha objetivos analíticos havendo fortes interseções nos diferentes agrupamentos, os quais, por muitos casos, tornaram difícil o trabalho de classificação.

O agrupamento mais numeroso - com 36 (trinta e seis) trabalhos - é o que busca investigar aspectos da **influência da família e da escola na trajetória ou no desempenho escolar do estudante**³. Um subgrupo numericamente importante dedica-se a investigar casos **de sucesso escolar improvável e em particular trajetórias de sucesso em meios populares**. A autora destaca que a análise dos resumos permite afirmar que esses trabalhos confirmam a influência da família no desempenho/trajetória escolar dos filhos.

Fazendo uso desta categoria acima, destacamos um outro trabalho de um novo levantamento⁴ realizado, e apontamos o estudo de Silva (2005), intitulado “*Trajetoórias de longevidade escolar em famílias negras e de meios populares (Pernambuco, 1950-1970)*.”

O trabalho teve como objetivo principal identificar, descrever e analisar as condições que possibilitaram filhos de famílias negras de meios populares alcançarem uma certa longevidade escolar em Pernambuco, no período de 1950 – 1970. No estudo, Silva (2005) buscou compreender como filhos de pais analfabetos ou

³ Em vista disso, como esta pesquisa condiz com o agrupamento de trabalho mais numeroso que fala sobre **a influência da família e da escola na trajetória ou no desempenho escolar do estudante**, acreditamos que esse estudo do conhecimento vai contribuir para o desenvolvimento do trabalho, na medida em que mostrará a amplitude dos trabalhos já realizados nessa temática, no embasamento para o desenvolvimento da pesquisa, na comprovação da contribuição para o campo de atuação e para a Instituição; por fim, comprovará a viabilidade da realização desta investigação.

⁴ O estudo foi inserido em um novo levantamento, pois é relacionado ao estado de Pernambuco com famílias muito próximas das características utilizadas nesta pesquisa.

semialfabetizados conseguiram superar as expectativas das gerações anteriores, chegando ao ensino secundário e/ou superior no período estudado. Teve como base estudos realizados nos campos da Sociologia da Educação, da Nova História Cultural, da Micro-História e da História da Cultura Escrita.

Os instrumentos de pesquisa foram os depoimentos orais, realizados sob os pressupostos da “história” oral e teve como sujeitos duas famílias. Silva (2005) observou que existiram condições propiciadas pela família, pela escola e por outros fatores externos que possibilitaram a longevidade escolar desses indivíduos. Com relação à instância familiar, na visão da autora, destacaram-se como fatores importantes nesse processo: o permanente acompanhamento da família, sobretudo o papel fundamental ocupado pela mãe. Já com relação à instituição escolar, constatamos o papel desempenhado pelas instituições escolares em cada nível de ensino.

Por fim, segundo Silva (2005), o estudo possibilitou a compreensão da formação de sujeito nas variadas instâncias como um indivíduo capaz de superar os limites e barreiras que tornariam improváveis o seu acesso, bem como a sua permanência no sistema escolar, especialmente em um período histórico em que os níveis superiores de ensino não tinham como principal público pessoas de meios populares.

Um segundo agrupamento também numeroso - com 23 (vinte e três) trabalhos - reúne estudos voltados à investigação das **estratégias e práticas das famílias no que se refere à escolarização dos filhos**. Nele, o foco maior está concentrado na compreensão da estratégia ou prática educativa em si e nem tanto em seus efeitos, ou seja, na influência específica que pode exercer sobre o desempenho.

Utilizando a categoria destacada acima, elaborada por Nogueira (2015), consideramos também um novo levantamento o estudo de Silva, Fabiana Cristina da (2017), intitulado “*Família e Leitura: a construção de práticas leitoras em meio populares*”

O trabalho teve como objetivo principal compreender as práticas de leitura em famílias cujos pais têm baixa escolarização no processo de construção de filhos e filhas leitores. Para a realização da pesquisa, a autora baseou-se em autores, como

Heath (1983), Street (1984;2010), Soares (2002), Lahire (1997; 1998; 2002, 2004), De Singly (1993; 1996) Bourdieu (1998); Nogueira, Romanelli e Zago (2010; 2013), Hébrard (1996; 2007), Galvão (2000; 2003; 2010) e Batista (1998).

Na metodologia do estudo, foram construídos dois perfis familiares, usando a pesquisa como instrumento. Os sujeitos da pesquisa foram duas famílias de meios populares, totalizando 22 (vinte e dois) sujeitos. Os resultados apontaram para três fases importantes no desenvolvimento das práticas de leituras dessas famílias: a infância, a juventude e os resultados dessa formação na vida adulta.

Tais práticas, segundo Silva (2017) ocorriam em diversos espaços, como casa, igreja, escola, biblioteca, entre outros. O estudo dos sujeitos acima possibilitou à autora compreender melhor a formação de leitores nos meios populares, cujas principais instâncias de inserção nas práticas de leitura na infância, assim como na juventude são a família, a igreja e a escola. São famílias negras, de meios populares e de origem interiorana, com pais analfabetos ou, então, de baixa escolarização. Assim, essas características já os colocariam em lugar social tanto de desafios como de barreiras, principalmente em relação à prática da leitura.

Um outro subgrupo que merece atenção é o estudo sobre as estratégias familiares de escolha do estabelecimento de ensino para os filhos. Nesse segundo agrupamento cresce proporcionalmente o número de trabalhos que focam nas classes médias.

Em continuação, dois agrupamentos apresentam a mesma quantidade de títulos. O primeiro deles enfoca as concepções educacionais das famílias e sua relação com a escolaridade dos filhos, onde, em termos de resultados apresentados nos resumos, verifica-se a constatação de uma valorização da escola pelas famílias por razões instrumentais. Assim, os trabalhos não parecem trazer avanços significativos no sentido de ampliar ou acionar a literatura sociológica limitando-se a confirmar seus postulados.

Outro agrupamento, que tem no total 11 (onze) trabalhos, é o que tem como foco principal as interações mais diretas entre família e escola: as formas de participação da família na escola, os contatos entre as duas instituições, os processos de aproximação e de parceria, preponderando estudos com famílias populares.

Nogueira (2015) menciona que os resumos também parecem indicar, a partir dos autores dos trabalhos, uma responsabilização da escola pela interação insuficiente ou insatisfatória com as famílias, pois a quase ausência, pelo menos nos resumos de discussões críticas sobre os limites e paradoxos da interação da família com a instituição escolar, leva a indagar se não estaria havendo uma certa tendência **à idealização de famílias e suas disposições para envolver-se com a escolaridade dos filhos.**

Por fim, o último agrupamento é o que reúne estudo sobre os efeitos, na relação das famílias com a escola, de políticas públicas ou ações institucionais dos sistemas de ensino. Já nas considerações finais, Nogueira (2015) aponta que, a partir desse estado do conhecimento, foi possível detectar algumas tendências mais gerais da produção científica sobre a relação família-escola e esboça alguma análise sobre o modo como vem sendo constituído o conhecimento no campo da sociologia das relações família-escola no Brasil.

A autora ressalta, ainda, que cabe observar que certas tendências identificadas nessa produção são comuns a diferentes áreas do conhecimento, tais como a concentração na região sudeste do país, a predominância de dissertações de mestrado sobre teses de doutorado e o aumento progressivo da produção nas últimas décadas.

Talvez as tendências de mais importância sejam a predominância das abordagens qualitativas e do foco no Ensino Fundamental na escola pública e nas famílias de meios populares. Destaca-se, ainda, a nítida influência do pensamento sociológico francês. Já em relação ao modo como vem sendo construído o conhecimento no campo da sociologia das relações família-escola no Brasil, cabe ressaltar que a qualidade do material empírico utilizado até o momento no estudo, isto é, os resumos das teses e dissertações, impõe limitações para as análises.

Nogueira (2015) finaliza fazendo uma indagação, usando o exemplo de Santo Rocha (2010), discutindo se a real diversidade existente entre famílias e escolas está devidamente representada nos estudos, ou se, ao contrário, parte importante dos trabalhos não acabaria por incorrer em estereótipos baseados nos modelos teóricos adotados.

2.2 A importância do dever de casa

Um outro artigo selecionado traz como contribuição para a presente pesquisa a importância do dever de casa que vem a ser um dos principais meios de comunicação da escola com a família. Trata-se do trabalho intitulado de: “*Dever de casa e relação com as famílias em projetos de ampliação da jornada escolar*”, das autoras Resende, Oliveira e Reis (2015).

A pesquisa tem como objetivo discutir resultados de uma investigação sobre o tratamento dado ao dever de casa em escolas públicas de Ensino Fundamental que desenvolvem projetos de “tempo integral”, isto é, nas quais a jornada letiva foi estendida para sete ou mais horas diárias. Dessa maneira, a pesquisa pretendeu, a partir da investigação realizada em torno dos deveres de casa, discutir as concepções de educação em tempo integral, as diferentes escolhas curriculares a elas associadas, assim como a relação família-escola nesse contexto. É sobre essa última dimensão, em particular, que se concentrará o artigo.

A ampliação da jornada escolar no Ensino Fundamental é uma importante tendência no atual cenário educacional brasileiro, prevista pela Legislação, além de ser estimulada por políticas públicas como o programa Mais Educação, do Governo Federal. Esse “tempo integral” tem diversos tipos de desdobramentos, impactando no funcionamento da instituição escolar em aspectos que vão desde a organização do tempo, dos espaços, até o currículo, passando por outros como: a alimentação e a higiene dos alunos, a adequação da estrutura, dos recursos, e do tipo de profissional envolvido.

As autoras ressaltam que um aspecto necessariamente impactado pela implantação de um programa de tempo integral é a relação da escola com as famílias. Dentre as motivações para tal implantação, figuram não somente os aspectos mais especificamente educacionais, mas também necessidades sociais que são ligadas à realidade das famílias no atual contexto social.

Além de que o tempo integral constitui em si uma nova forma de divisão do trabalho educacional entre a família e escola, com todas as mudanças, tensões e adaptações que isso pode significar no que tange às expectativas recíprocas e às

interações entre essas duas instâncias. Assim uma prática pedagógica que já se mostrava polêmica no contexto dos turnos parciais tem criado novos debates no âmbito da escola de tempo integral: os deveres de casa.

Considerado um dispositivo pedagógico bastante específico e conseqüentemente pouco abordado nas pesquisas, o dever de casa tem sido recentemente tomado como objeto de estudos da Sociologia da Educação, seja como uma “janela” para a análise das relações família-escola e/ou do currículo escolar, seja como possível fator de impacto no desempenho acadêmico, cuja prescrição tem conseqüências em termos de equidade ou iniquidade educacional. Sendo assim, este vem a ser um dos principais, senão o principal “meio de interação entre ambas as instituições” (RESENDE, OLIVEIRA e REIS, 2015, p.4).

Quando se implanta uma jornada escolar de “tempo integral”, novas questões em relação ao dever de casa surgem. Dessa maneira, Resende, Oliveira e Reis (2015) afirmam que, no atual cenário de ampliação da jornada escolar no Brasil, tais questões têm sido enfrentadas no âmbito de programas que apresentam diferentes formatos e adotam diferentes perspectivas curriculares com relação à educação integral.

Nesse contexto, as soluções construídas com relação aos deveres de casa também são variadas e a investigação delas se reveste de interesse do ponto de vista científico, pois revelam formas diversas de conceber a educação de tempo integral, o currículo, a relação com as famílias e a divisão do trabalho educacional entre essas famílias e a escola.

O artigo busca contribuir para tal debate, discutindo diferentes concepções, perspectivas e práticas em torno dos deveres de casa e da relação família e escola, reveladas por profissionais de escolas da Região Metropolitana de Belo Horizonte que desenvolvem projetos de educação em tempo integral no Ensino Fundamental. Os dados foram obtidos no contexto de uma pesquisa em fase de conclusão.

A pesquisa envolveu todos os municípios da região metropolitana de Belo Horizonte que, no ano da realização do estudo de campo (2014), tinham projetos de tempo integral sendo desenvolvidos em pelo menos dez escolas de sua rede pública municipal e autorizaram a realização do estudo. Em uma etapa exploratória, foram levantadas informações sobre os programas de tempo integral desenvolvidos nessas

redes de ensino. Em sua maioria, funcionavam conforme o modelo de “turno e contraturno”. Dessa maneira, considerando esse formato, foram elaborados três tipos de questionários.

A aplicação desses três tipos de questionários teve como objetivo diagnosticar, em termos gerais, como a questão do dever de casa tem sido tratada nas escolas participantes da pesquisa, identificando os desafios encontrados e as soluções construídas pelas equipes escolares, bem como buscando levantar elementos sobre as concepções dos educadores.

Na segunda etapa da pesquisa, foram selecionadas algumas escolas para estudos de caso. A partir das respostas obtidas, buscou-se contemplar instituições com diferentes realidades, que apresentassem diferenças na resolução de problemas com o dever de casa e/ou na dinâmica de comunicação entre suas equipes ou, então, na articulação entre família e escola.

As autoras ressaltam que, dentre as escolas que responderam ao questionário, a sua grande maioria desenvolve projetos de ampliação da jornada, onde as crianças permanecem sete ou mais horas diárias realizando atividades escolares, podendo essa jornada chegar a 9 horas. Observa-se que a supressão dos deveres de casa é uma realidade em poucas escolas. A grande maioria prescreve deveres e, na maior parte dos casos, acontecem momentos de realização destes na própria escola, ou seja, ainda em alternância com a realização de deveres nos espaços domésticos.

Tal situação indica, para as instituições retratadas na pesquisa, uma certa reconfiguração na divisão do trabalho educacional entre família e escola. As autoras destacam que, na concepção dos profissionais participantes da pesquisa, a realização dos deveres de casa na escola, quando aceita como tarefa do contraturno, é vista mais como uma necessidade derivada das condições de vida das famílias. Logo, essa atitude é vista mais como uma forma de “compensar” suas dificuldades do que como uma ressignificação dessa atividade, diante da ampliação da jornada escolar da criança. A tendência geral é continuar reafirmando a importância do dever de casa e o papel da família em relação a ele.

Resende, Oliveira e Reis (2015) finalizam o artigo destacando que, na maior parte dos casos, não se observa uma reflexão sobre o dever de casa ou, então, sobre

as possibilidades de ressignificá-lo no contexto mais amplo de uma discussão do currículo escolar na escola de tempo integral.

2.3 A influência da classe social na delimitação da escola

No artigo intitulado: *“Rede pública ou privada? Motivações para a escolha de escola por famílias de camadas populares e nova classe média”*, de Andrade, Marluce Souza de (2015), observa-se que a autora objetivou analisar fatores considerados por família pertencente às camadas populares e a nova classe média na escolha de um estabelecimento de ensino público ou privado para seus filhos.

Para este trabalho, foi considerada parte de uma pesquisa mais ampla, com cerca de 160 (cento e sessenta) pais de alunos, 100 (cem) em uma escola pública estadual e 60 (sessenta) em escolas privadas. Ambas Instituições possuem um prestígio social em sua região. Foram aplicados questionários e realizadas entrevistas com as famílias e equipe pedagógica sobre os motivos de escolha da escola, assim como as concepções que as famílias possuíam sobre ensino e as expectativas que têm em relação ao futuro por meio do processo de escolarização de seus filhos.

As escolas para pesquisa foram escolhidas após definição de alguns critérios e observação de características em comum entre elas. A partir da análise da fala dos entrevistados e à luz da teoria, foi possível perceber três diferentes motivações para escolha do estabelecimento de ensino.

A primeira é a escolha de ordem (proximidade, estrutura física da escola e custo das mensalidades). Dessa forma, a proximidade da residência apontou ser um critério interligado às condições financeiras as famílias. Elas escolhiam o critério proximidade, por não terem tempo de acompanhar seus filhos a lugares mais distantes ou então por não terem dinheiro para custear transporte escolar. Cabe ressaltar que é possível que o fato do grupo entrevistado estar em transição entre a camada popular e a nova classe média e esse fator interferir na eleição desses critérios, mais funcionais para a escolha da escola de seus filhos.

Já o fator custo se revelou importante, visto que apresenta-se como um limitador de outras motivações para escolher da escola, ou seja, para algumas

famílias. É válido lembrar que, embora não seja o custo o primordial na escolha de uma escola, é essencial ter dinheiro para sustentá-la. Já para os pais da escola pública, embora o preço não tenha aparecido de imediato, visto que a escola possui gratuidade, ao serem questionados sobre as razões da escolha, a questão econômica emerge inúmeras vezes.

Duas mães entre as 16 entrevistadas demonstraram preocupação com a estrutura física da escola, ao falarem sobre o processo de escolha das escolas privadas.

A segunda é a escolha direcionada para a melhoria das condições de vida e a mobilidade social: qualidade e prestígio da escola, longevidade escolar e qualificação para o trabalho. Assim, as escolhas voltadas para a melhoria das condições de vida são as principais motivações entre os sujeitos da pesquisa, ao matricularem seus filhos em instituições de ensino privadas ou públicas.

A busca por proporcionar aos filhos a educação diferenciada é um anseio que se faz presente na fala de pais que escolheram a escola pública, assim como a escola privada para seus filhos. Dessa forma, Andrade (2015) defende que, para essas famílias, matricular seus filhos em uma instituição que é diferenciada das demais e cuja reputação, segundo Costa (2011), é reconhecida socialmente é algo de grande importância, visto que, ao frequentarem esse tipo de instituição, seus filhos terão maior possibilidade de sucesso escolar.

Segundo Souza (2010) apud Andrade (2015), diferente das camadas altas e médias, para as camadas populares, assim como nova classe média, a extensão do processo de descolonização até o nível superior não é algo dado a priori. A escolha da escola com vistas à qualificação profissional para essas famílias pode ser entendida como uma forma de prevenção de futura instabilidade financeira na vida dos filhos.

A última é a escolha para transmissão de valores morais e éticos (respeito ao próximo, submissão às regras, e cordialidade). Um grupo significativo de pais dão à transmissão de valores éticos e morais uma significativa importância, ao eleger em um estabelecimento de ensino de seus filhos. São prezados valores como organização, respeito ao próximo e submissão às regras, visto que da escola esperam

uma direção e orientação para seus filhos. Também há preocupação dos pais com relação a valores como respeito e cordialidade, essa preocupação está relacionada às transformações que as relações sociais têm sofrido ao longo das gerações.

Por fim, a autora conclui o artigo, concluindo que os pais e mães dessas famílias elegem algumas razões centrais para a escolha da escola de seus filhos. Nos discursos de todos os pais, a escola recebeu bastante importância.

Este artigo evidencia que essas famílias escolhem a escola para seus filhos(as), seguindo objetivos bem definidos, a fim de fazer com que esses alunos estejam em uma instituição julgada por eles e por outras pessoas como sendo a melhor instituição que eles poderiam oferecer dentro de suas condições econômicas, promovendo a estes a longevidade escolar.

2.4 Os impactos das diferenças de gênero no processo de ensino-aprendizagem

No trabalho intitulado: *“Lavar a louça ou brincar na rua? Gênero, família e escola em camadas populares de São Paulo”*, de Senkevics, Adriano Souza (2015), o autor indica que o século XX foi palco de intensas transformações no que diz respeito ao direito à educação de populações até então excluídas das escolas brasileiras, tais como as mulheres. Se, anteriormente, a privação ou segregação do acesso à escola dificultava a escolarização da população feminina, esse cenário foi sendo modificado.

Senkevics (2015) fala que, segundo Rosemberg & Madsen (2011), a partir da segunda metade do século passado, ocorreu o que ficou conhecido como reversão do “hiato de gênero”, isto é, a correção de desigualdades históricas fundadas sobre a diferença sexual. Dessa forma, com o intuito de compreender essas desigualdades, é necessário investigar quais as relações entre o gênero e a escolarização de crianças e jovens.

O objetivo da pesquisa foi compreender como crianças de camadas populares urbanas percebem e ressignificam a postura de suas famílias frente às diferenças e semelhanças de gênero no que tange às regras, controles, usos do tempo e espaço, atividades de trabalho e de lazer etc. Com isso, pretendeu-se investigar as relações

entre essas práticas e a escolarização de meninos e meninas, tendo como referencial as construções de masculinidades e feminilidades na infância, procurando entender como as desigualdades na escolarização podem estar relacionadas à socialização de gênero no âmbito familiar.

Desse modo, ao longo de cinco meses, foi feito um acompanhamento de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede municipal de São Paulo, composta por 25 (vinte e cinco) crianças, entre as quais 14 (quatroze) meninas e 11 (onze) meninos, em uma frequência de duas a três vezes por semana. Ao todo, 20 (vinte) crianças foram entrevistadas (doze meninas e oito meninos); nas entrevistas, procurava-se captar detalhes a respeito da rotina das crianças, assim como do conjunto de atividades empreendidas por elas fora da escola, com especial atenção para o ambiente familiar, a residência e a rua.

De acordo com Senkevics (2015), todas as crianças da turma estudada se envolviam em algum grau com os afazeres domésticos. Com frequência, realizavam práticas orientadas para o cuidado pessoal, tais como a arrumação de sua própria cama e a organização de seu quarto.

As diferenças entre os sexos tornaram-se mais notáveis no tocante às práticas voltadas para a manutenção da unidade doméstica como um todo. A esse respeito havia uma evidente divisão sexual do trabalho doméstico, em que a participação das meninas era bem mais notável do que a dos meninos.

Para muitas meninas, as tarefas domésticas eram executadas como parte da rotina, onde a mãe é uma figura que delega as responsabilidades. Já no caso dos meninos, foram raros os momentos em que eles manifestaram ter envolvimento nos serviços de casa. Porém, existem exceções entre todos os garotos entrevistados, havia um menino que sem dúvida executava os serviços domésticos cotidianamente.

Por conseguinte, para o autor, a baixa participação masculina permanecia evidente entre a turma estudada, tornando-se ainda mais visível quando contrastada com a responsabilização das meninas, visto que alguns depoimentos apontavam que as meninas percebiam o quanto estavam sobrecarregadas, se comparadas aos seus irmãos.

Ao mesmo tempo, a pouca participação dos meninos, em nenhum momento, foi denunciada como um privilégio relacionado ao seu sexo. Em suas casas, a variedade de atividades desempenhadas pelas crianças nos momentos de lazer apresentou, novamente, forte diferenciação por sexo. O autor destaca, ainda, que para os meninos, brincar na rua era permitido em maior quantidade em relação às meninas.

Dessa maneira, para as meninas, era a escola, o recreio, o parque e o pátio que lhes davam as únicas oportunidades no seu dia-a-dia de exercer algo que lhes apetecia e que fugisse das obrigações cotidianas. Assim, eram as idas e vindas para a escola os poucos instantes que muitas das crianças tinham para usufruir o espaço da rua, em especial às meninas.

Havia, também, diferenças na sensação de perigo acerca da rua em função do local de moradia das crianças, onde não seria exagero afirmar, segundo o autor, que o espaço público era entendido, pela maioria dos meninos, como uma extensão do lazer usufruído em casa, visto que, nas entrevistas, foi possível notar que poucos riscos foram associados pelos meninos aos ambientes exteriores (ou, no limite, seus potenciais perigos não ganharam relevância em suas falas) e a rua era tratada com naturalidade. Portanto, frequentar a rua trazia, para a maioria deles, oportunidades de lazer usualmente vetadas às meninas.

Além do gênero, outros elementos – como a localização da residência, a presença de irmãs (os) mais velhas (os), a relação construída entre os familiares dessas crianças e a rua - pareciam influenciar as distintas formas pelas quais as crianças interagem com seu local de moradia. Isso não impede de concluir, porém, que o espaço público apareceu nas falas das crianças como um ambiente bastante masculinizado.

Pode-se pensar em duas principais vias pelas quais os processos de socialização familiar, em camadas populares urbanas, poderiam atuar na produção de desigualdades de gênero na educação básica: em primeiro lugar, seria na cobrança de que as meninas participassem da rotina de afazeres domésticos. Outro aspecto concernente à relação entre socialização familiar e escolarização das crianças diz respeito aos distintos significados que a instituição escolar adquiria para

meninos e meninas de setores populares urbanos, em função de seu cotidiano fora da escola.

Senkevics (2015) cita Thorne (1993), para falar que é essencial atentar para o quanto as masculinidades e feminilidades não são um produto definido ou fixado, senão um processo que está sendo reiteradamente construído, onde a via da socialização familiar, bem como a significação positiva da escola sugere caminhos para se entender às desigualdades de gênero na educação brasileira, eminentemente caracterizadas pelo desempenho superior das meninas.

O artigo aponta a importância de levar em consideração a diferença dos estímulos que esses(as) filhos(as) sofrem de suas famílias em função do seu gênero, além de chamar a atenção sobre como a diferença de estímulos entre meninos e meninas gera desigualdades, afetando, assim, o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças. Destaque-se que as meninas tendem a ter um desempenho escolar maior, pois elas são incentivadas a ter mais responsabilidades, organização e disciplina, em decorrência de sua participação significativa nos afazeres domésticos.

2.5 A participação da família e o desempenho escolar

No artigo intitulado: “*Relação família-escola e desempenho escolar: estudo em duas escolas da rede municipal do Rio de Janeiro*”, de Santo, Andreia Martins de Oliveira (2013), a autora apresenta parte dos resultados de um estudo comparativo em duas escolas da Rede Municipal do Rio de Janeiro, localizadas na Zona Norte da cidade: uma que apresentou resultados acima da média municipal na Prova Brasil de 2005 e 2007, de alunos de 9º ano (Escola A), localizada em Bonsucesso; e a outra, cujo desempenho foi abaixo da média municipal (Escola B), localizada no complexo de favelas da Maré.

O material empírico da pesquisa foi construído a partir de dados dos questionários aplicados em 2009 para pais, alunos e professores, por meio de relatórios de registro de campo; entrevistas com equipe de direção e coordenação pedagógica e relatórios de visitas às escolas desde o primeiro contato, em 2009, até o retorno dos dados no primeiro semestre de 2010.

Assim, a autora destaca que a análise do material empírico permitiu a identificação de características organizacionais e sociopedagógicas das escolas que poderiam indicar as possíveis causas das diferenças de desempenho observadas nas avaliações oficiais. Será foco da pesquisa apresentar as estratégias que cada escola estabelece para aproximação das famílias no cotidiano escolar e como os pais se mobilizam para o processo de escolarização dos seus filhos.

Com o surgimento da instrução pública no Brasil no século XIX, a família dividiu parte da tarefa que acontecia no espaço privado do lar com a escola. Desde então, escola e família compartilham a responsabilidade da educação das novas gerações. Contudo, segundo Santo (2013), a crise de confiança no sistema de ensino vivenciada nos anos 60 ganha uma nova interpretação por meio da contribuição de Pierre Bourdieu, para quem a educação perde seu caráter de transformação e democratização da sociedade e se coloca como uma instituição que mantém e legitima os privilégios sociais. Dessa forma, a mobilização das famílias em torno da educação dos filhos é influenciada também pela possibilidade da escola ser uma aliada na busca de mobilidade social.

Para a autora, se, de um lado, a presença dos pais ou responsáveis no cotidiano da escola pode depender da valorização da instituição escolar por essas famílias, o entendimento da escola sobre o efeito que essa participação pode ter sobre o desempenho escolar dos alunos também poderá pautar as estratégias para a aproximação dos pais ou responsáveis nas escolas e os resultados dessas iniciativas.

Algumas dessas ações de aproximação são realizadas em função de determinações dos sistemas de ensino. Outras por iniciativa dos próprios gestores e equipes pedagógicas da instituição. Essas iniciativas têm como intencionalidade: educar as famílias, abrir a escola para participação familiar, interagir com a família para melhorar os indicadores educacionais e incluir o aluno e seu contexto.

As duas escolas da pesquisa seguem orientação da Secretaria Municipal de Educação quanto à realização de reuniões regulares no final de cada semestre para entrega do Boletim Escolar com o rendimento dos alunos. Além disso, quando surgem situações individuais, as famílias também são convocadas pelas escolas.

Para Santo (2013), a participação da família na vida escolar dos filhos pode ser percebida pela presença dos pais ou responsáveis na escola, atendendo às convocações para reuniões em grupo ou individuais, ou pelo acompanhamento das tarefas escolares realizadas pelos filhos, dado que, dentre as ações realizadas pelos pais ou responsáveis, aqueles que demonstram uma atitude de acompanhamento/supervisão parecem estar mais presentes no cotidiano familiar, nas duas escolas.

A autora ressalta também que a escolha das escolas pelas famílias pode interferir positivamente na aprendizagem do aluno, pois os motivos para a escolha da escola parecem ter, também, uma proximidade com o que as famílias entendem como papel da escola. Para essas famílias, as questões éticas e morais, bem como aquelas que envolvem também os conteúdos ditos formais devem ser desenvolvidos pela escola e são necessários para a continuidade da trajetória escolar, assim como ingresso no mercado de trabalho.

Como a escola é uma instituição social construída por diferentes indivíduos, diante de diversas articulações, não se pode atribuir apenas à relação das famílias com a escola ou à mobilização dessas famílias a responsabilidade pelo sucesso ou não do processo de aprendizagem dos alunos. Aspectos como clima escolar, gestão escolar, projeto político-pedagógico e, mais que isso, aspectos da estrutura social que interferem no funcionamento das unidades de ensino podem e devem ser considerados.

O artigo evidenciou que a participação da família na vida escolar de seu/sua filho(a) contribui significativamente em sua aprendizagem, assim como no seu desenvolvimento, pois quanto mais essa família tem consciência da importância de sua participação, mais esse aluno é beneficiado.

Cabe ressaltar, ainda, que a escola é uma instituição social construída por diferentes indivíduos. Assim, o clima escolar, a gestão, o projeto político-pedagógico e os aspectos da estrutura social que interferem no funcionamento da instituição irão influenciar no processo de ensino-aprendizagem desses alunos.

A partir desse levantamento realizado, podemos concluir que são indispensáveis pesquisas voltadas à relação família-escola e o efeito que essa

participação causa na vida escolar dos alunos. Além de evidenciar a relevância que o dever casa tem na vida escolar das crianças, sendo um dos principais meios de comunicação entre família-escola, podemos perceber como é importante a escolha das escolas pelas famílias, bem como os critérios usados para tal escolha. Notamos que a questão do gênero também influencia a maneira como a família vai participar da vida escolar de seus/suas filhos(as) e o quão indispensável é a participação ativa dessas famílias na vida escolar de seus/suas filhos(as).

No próximo capítulo, apresentaremos a natureza da presente pesquisa, os meios e instrumentos usados, além do universo pesquisado e, por fim, os sujeitos participantes do estudo e a metodologia de análise dos dados coletados.

CAPÍTULO III: REFLETINDO SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentaremos a natureza da presente pesquisa, os meios e instrumentos usados, o universo pesquisado, os sujeitos participantes do estudo e, por fim, a metodologia de análise dos dados coletados. Esta investigação é um estudo de caso com abordagem qualitativa, onde o foco será a influência familiar na vida escolar de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma Escola de Referência da Rede Municipal do Cabo de Santo Agostinho-PE.

3.1 Natureza e tipo de pesquisa

Segundo Triviños, Augusto Nivaldo Silva (2008, p. 133), estudo de caso “[...] é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa ‘aprofundadamente’. Ainda segundo Triviños (*Id.*), essa definição determina as características do estudo de caso que são dadas por duas circunstâncias: a primeira é a natureza e abrangência da unidade e a segunda é a complexidade do estudo que está determinado pelos suportes teóricos que irão servir de orientação para o investigador.

Já, no que se refere à pesquisa qualitativa, Triviños (*idem*, p.120) diz que:

[...] alguns autores entendem a pesquisa qualitativa como uma “expressão genérica”. Isto significa, por um lado, que ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns.’

Para o autor, os pesquisadores perceberam que muitas das informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas. Dessa forma, precisavam ser interpretadas de uma forma mais ampla do que a circunscrita ao dado objetivo.

3.2 Instrumentos de coleta de dados

Utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista estruturada com os familiares das crianças (VER APÊNDICE A). De acordo com Marconi & Lakatos (2013), entrevista é um encontro entre dois indivíduos, onde um deles tem por objetivo obter informações sobre um determinado assunto ou problema.

A entrevista foi utilizada como instrumento de coleta de dados, porque ela nos fornece a possibilidade de obter informações mais precisas.

Por se tratar de entrevistas estruturadas, também se faz necessário conceituá-las. Nesse contexto, ainda segundo Marconi, Marina de Andrade e Lakatos, Eva Maria, (2013), a entrevista estruturada é aquela em que o entrevistador tem que seguir um roteiro determinado previamente. Assim, as perguntas que serão feitas estão de antemão estabelecidas, pois, dessa forma, todos os entrevistados responderão a mesma pergunta, podendo o pesquisador(a) refletir sobre as diferenças dos entrevistados e não das perguntas.

3.3 O campo e os sujeitos da pesquisa

O referido estudo foi realizado, como mencionado anteriormente, em uma escola municipal da rede do Cabo de Santo Agostinho, com horário de funcionamento de 07h30min às 16h30min. A Instituição tem um total de 590 (quinhentos e noventa) alunos matriculados, possui turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental I e localiza-se no bairro de Garapú, na cidade do Cabo de Santo Agostinho- PE. A escola tem um total de 8 turmas do Ensino Fundamental I e 2 turmas de Educação Infantil no horário da manhã, atendendo na parte da tarde a mesma quantidade de turmas do turno da manhã.

Seis famílias de alunos do 1º ano 'A' do ensino Fundamental da referida escola foram os sujeitos de nossa pesquisa.

A escolha pelo 1º ano 'A' ocorreu através de uma conversa informal, realizada com a docente da turma sobre meu trabalho de conclusão de curso. Na ocasião, comentei sobre a temática e ela demonstrou interesse em me ajudar. Como realizava estágio obrigatório em sua sala de aula, adquiri uma proximidade tanto com ela como também com os alunos que ali estão presentes. Dessa forma, a docente contribuiu na indicação das famílias deste estudo, apresentando-nos aos pais e responsáveis

Diante da impossibilidade temporal de realizar entrevistas com todos as famílias da turma, contamos com a contribuição da professora para selecionar seis famílias. As famílias indicadas foram convidadas e, em seguida, receberam explicações sobre a referida pesquisa. A partir de seu consentimento, todas assinaram

o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TLCE) (VER APÊNDICE B), autorizando a sua participação na pesquisa e utilização de seus sobrenomes na análise dos dados.

3.4 Técnica de análise de dados

Em relação à análise dos dados, compreendemos ser a “Análise do Conteúdo” a forma mais apropriada para entender os nossos dados. Segundo Laville, Christian e Dionne, Jean (1999), a Análise do Conteúdo consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para estabelecer suas diferentes características e extrair sua significação.

De acordo com esses autores, a Análise de Conteúdo não é um método rígido, no sentido de seguir uma ordem determinada das etapas para chegar à conclusão do trabalho. Dessa forma, o que se pode descrever são certos momentos, fases em que, na prática, o pesquisador deverá fazer provas de imaginação, julgamentos, assim como ter uma prudência crítica. Sendo assim, cabe ao pesquisador realizar as seguintes etapas: recortar os conteúdos, definir as categorias analíticas, obter a categorização final das unidades de análise e, por fim, decidir quais modalidades de análise e de interpretação irá utilizar.

Segundo Minayo (1998) *apud* Júnior, Marcelo e Santiago (2010, p. 34), diferentes são os tipos de análises de conteúdo: de expressão, das relações, de avaliação, de enunciação e categorial temática. Dessa maneira, a análise categorial:

[...] funciona em etapas, por operações de desmembramento do texto em unidades e em categorias para reagrupamento analítico posterior, e comporta dois momentos: o inventário ou isolamento dos elementos e a classificação ou organização das mensagens a partir dos elementos repartidos.

Cabe ressaltar que a análise categorial é o tipo de análise que foi adotada para a realização deste trabalho. Desse modo, segundo Bardin (1998) e Minayo (1998) *apud*. Júnior, Marcelo e Santiago (2010, p. 34), é sugerida uma organização dessas etapas, que serão apresentadas no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Etapas da análise de conteúdo (análise do conteúdo categorial)

ETAPAS	INTENÇÕES	AÇÕES
1ª etapa: pré-análise	*Retomada do objeto e objetivos da pesquisa; *Escolha inicial dos documentos; *Construção inicial de indicadores para a análise: definição de unidades de registro - palavras-chave ou frases; e de unidade de contexto - delimitação do contexto (se necessário);	*Leitura flutuante: primeiro contato com os textos, captando o conteúdo genericamente, sem maiores preocupações técnicas *Constituição do corpus: seguir normas de validade: 1- Exaustividade - dar conta do roteiro; 2- Representatividade - dar conta do universo pretendido; 3- Homogeneidade - coerência interna de temas, técnicas e interlocutores; 4- Pertinência - adequação ao objeto e objetivos do estudo.
2ª etapa: Exploração do material	*Referenciação dos índices e a elaboração de indicadores - recortes do texto e categorização; *Preparação e exploração do material - alinhamento;	*Desmembramento do texto em unidades/categorias - inventário (isolamento dos elementos); *Reagrupamento por categorias para análise posterior - classificação (organização das mensagens a partir dos elementos repartidos)
3ª etapa: Tratamento dos dados e interpretação	*Interpretações dos dados brutos (falantes); *Estabelecimento de quadros de resultados, pondo em relevo as informações fornecidas pelas análises;	*Inferências com uma abordagem variante/qualitativa, trabalhando com significações em lugar de inferências estatísticas.

Fonte: Júnior, Marcelo e Santiago (2010).

3.5 Breves notas em relação às entrevistas

A seguir, será feita uma breve contextualização das entrevistas realizadas com as cinco famílias participantes deste estudo. O relato está organizado por data da entrevista e utilizamos como identificação dos sujeitos os sobrenomes de suas famílias.

A entrevista com a família Silva foi realizada no dia 26 de setembro de 2019, com duração de 8 minutos, no final da aula, na própria sala do 1º ano. A entrevistada no início ficou com um pouco de vergonha, porém, após alguns minutos, conseguiu responder às perguntas normalmente, com um pouco de pressa, pois falou que tinha um compromisso ao final da entrevista e se disponibilizou a participar de um novo encontro, se fosse necessário.

A entrevista com a família Santos foi feita no dia 26 de setembro de 2019, com duração de aproximadamente 06 minutos e 40 segundos. Foi realizada na própria sala

de aula, durante o intervalo dos alunos. A entrevista foi tranquila e a depoente comentou que achou bastante interessante o estudo e que gostou de participar. Também se disponibilizou, caso fosse preciso um novo contato.

A entrevista com a família Brito foi realizada no dia 01 de outubro de 2019, teve duração de aproximadamente 07 minutos e 58 segundos, na biblioteca da escola, pois era o lugar que estava mais silencioso, visto que a entrevista foi aplicada no horário em que os alunos ainda estavam em aula. A entrevistada foi bastante simpática, respondeu a todas as perguntas com entusiasmo, pois disse que era a primeira entrevista que concedia sobre a temática e que achou bastante interessante.

A entrevista com a família Lima foi realizada no dia 29 de outubro de 2019, teve duração de aproximadamente 16 minutos e 43 segundos. O depoimento ocorreu no final da aula, na própria sala do 1º ano em que foi realizado o presente estudo. A entrevistada foi bem tranquila e respondeu a todas as perguntas. Ao fim, informou que, caso fosse necessário, ajudaria novamente.

A entrevista com a família P. da Silva ocorreu no dia 05 de novembro de 2019, com duração de 17 minutos e 59 segundos. Foi realizada na biblioteca da escola, visto que a entrevista foi feita durante o horário de aula dos alunos. A entrevistada estava bastante animada em participar do estudo, pois afirmou que foi estudante de Pedagogia. Todas as perguntas foram respondidas e, ao final, ela afirmou que estaria disponível, caso fosse necessário um novo depoimento. Cabe ressaltar que esta entrevista foi a de maior duração.

A entrevista com a família Barbosa ocorreu no dia 05 de novembro de 2019, com duração de 10 minutos e 36 segundos. Foi realizada no final da aula, na própria sala do 1º ano. A depoente, no início, ficou com um pouco de receio de responder às perguntas, mas com o passar do tempo se tranquilizou.

É importante destacar que ocorre um aumento progressivo em relação às entrevistas acima destacadas. Esse aumento de tempo é um dado que interfere positivamente neste estudo, visto que ocorreu levando em consideração que as entrevistas com as maiores durações são de uma mãe e da avó que conseguiram responder com mais tranquilidade a entrevista, revelando uma quantidade maior de dados com relação as primeiras entrevistadas, onde as entrevistadas estavam com

um pouco de vergonha e a duração foi um pouco menor. Esse aumento se deu também pelo aperfeiçoamento da autora enquanto pesquisadora.

CAPÍTULO IV: DIALOGANDO SOBRE OS RESULTADOS DA RELAÇÃO FAMÍLIA/ ESCOLA E ESCOLA/FAMÍLIA

Neste capítulo, iremos apresentar a análise dos dados coletados, conforme Júnior, Marcelo e Santiago (2010). Apresentaremos o perfil das famílias pesquisadas e a análise das seguintes categorias: A referência pessoal e na vida escolar; Relação Família-Escola; Importância da escola na visão da família; A escolha da escola e seus motivos; Participação das atividades escolares: formas e responsáveis; O traslado entre casa/escola e escola/casa; Rotina dos(as) filhos(as) em casa e, por fim, O comportamento e interesse dos(as) filhos(as) com relação à escola.

4.1 O perfil das famílias estudadas

Neste tópico, vamos apresentar o perfil de cada família analisada neste estudo. Cada família, como já destacamos na metodologia, vai ser identificada pelo seu sobrenome, compondo assim os seguintes grupos familiares: Família Silva; Família Santos; Família Brito; Família Lima; Família Pereira; Família Barbosa.

A Família Silva é composta por pai, mãe e um filho. Todos moradores da cidade do Cabo de Santo Agostinho, na comunidade Esperança, no bairro da cidade Garapú. A renda familiar é de um salário mínimo e moram em casa própria. A entrevistada foi a mãe, de 21 anos de idade, que possui Ensino Médio completo e não trabalhava fora no momento da entrevista. Era dona de casa em tempo integral. Apenas seu companheiro exercia atividade de forma remunerada.

A Família Santos é composta por pai, mãe e dois filhos. Eles são moradores da cidade do Cabo de Santo Agostinho, no bairro da Vila Claudete. A renda familiar é de um salário mínimo e possuem casa própria. A entrevistada foi a mãe, de 32 anos de idade, que possui Ensino Médio completo e Magistério. Ela se considera dona de casa em tempo integral e apenas seu companheiro exerce atividade de forma remunerada.

A Família Brito é composta por pai, mãe e dois filhos. Eles são moradores da cidade do Cabo de Santo Agostinho, no bairro da Vila Claudete. A casa desta família é própria. A entrevistada foi a mãe, de 44 anos de idade, que possui Ensino Médio completo e como dona de casa em tempo integral cuida de seus filhos e de uma neta.

A família, no momento da entrevista, estava sem renda há dois meses, pois o pai estava desempregado.

A Família Lima é composta por avó, avô e três netos. Eles são moradores da cidade do Cabo de Santo Agostinho, no bairro da Cidade Garapú. A renda familiar é de aproximadamente seis salários mínimos e moram em uma casa própria. A entrevistada foi a avó, de 55 anos de idade, que possui Ensino Médio completo e alguns outros cursos técnicos. Ela é dona de casa em tempo integral e seu companheiro é militar aposentado.

A Família Pereira é composta por mãe e três filhos. Eles são moradores da cidade do Cabo de Santo Agostinho, no bairro da Cidade Garapú. A renda familiar é de aproximadamente um salário mínimo e meio e a casa desta família é própria. A entrevistada foi a mãe, de 40 anos de idade, que possui Ensino Superior incompleto em Pedagogia. O curso foi trancado no 5º período. A entrevistada é dona de casa em tempo integral.

A Família Barbosa é composta por pai, mãe e dois filhos. Eles são moradores da cidade do Cabo de Santo Agostinho, no bairro da Cidade Garapú. A renda familiar é de aproximadamente dois salários mínimos e meio e possuem casa própria. A entrevistada foi a mãe, de 45 anos de idade, que possui o Ensino Médio completo e uma formação técnica. Apenas o companheiro da entrevistada exerce atividade remunerada. Ela é dona de casa em tempo integral.

A partir da apresentação desses perfis familiares, é importante destacar alguns elementos em relação a essas famílias.

Todos os indivíduos que foram entrevistados nessa pesquisa foram mulheres (mães e uma única avó), todos membros que desempenham um papel específico e importante na vida escolar dos(as) filhos e netos(as). Entretanto, sem dúvida, nenhum deles se destacou tanto nesta pesquisa como a figura da mãe, que esteve acompanhando esse processo escolar de seus filhos(as) e apresenta um forte empenho e esforço realizado no dia a dia para a manutenção dos filhos(as) na escola. Todas as mães assim como a avó, no momento da realização da pesquisa, se dedicavam às atividades domésticas em tempo integral.

Podemos ver nos estudos de Viana (1998) e Gurgel (1998) *apud*. Silva (2005) que é muito presente o papel da mãe, principalmente no controle diário das atividades escolares.

O papel do pai em relação à escolarização na visão de suas companheiras é o de auxiliar os(as) filhos(as) quando necessário nas atividades passadas para casa, além de ser o provedor da casa e o financiador dos estudos do/das filhos(as), levando em consideração que, nas falas de suas companheiras, elas relatam que são os seus companheiros que trabalham fora de casa, com exceção de uma família onde o pai se encontrava desempregado no momento.

A escolarização das mães e da avó das famílias analisadas é um fator muito importante, visto que cada uma das entrevistadas possui um nível de escolaridade diferente. As mães das famílias Brito, Silva e Santos possuem Ensino Médio completo. A mãe e a avó das famílias Barbosa e Lima possuem Ensino Médio e Técnico. Já a mãe da família Pereira possui Ensino Superior incompleto.

O bairro onde moram as famílias Silva, Lima, e Pereira é um bairro de meios populares, conhecido Cidade Garapú⁵, que fica localizado no entorno da escola. Nesse bairro, há saneamento básico, iluminação pública de LED, vários estabelecimentos comerciais de vários seguimentos e pontos de ônibus em vários lugares do bairro. Já as famílias Santos, Brito e Barbosa moram no bairro da Vila Claudete, um pouco mais distante da escola. É também um bairro de meio populares que possui saneamento básico e iluminação pública, conta com diversos estabelecimentos comerciais e industriais e, recentemente, está recebendo o novo conjunto habitacional do Programa Minha Casa, Minha Vida; possui ainda pontos de ônibus em vários lugares do bairro.

De acordo com o decreto do Governo Federal 6.135/2007, Art. 40, Inciso II, alínea “a”, “b”, são famílias de baixa renda aquelas que possuem renda familiar mensal *per capita* de até meio salário mínimo ou, então, a que possua renda familiar mensal

⁵ Segundo Barros, Alexandre Morais de (2004), é um bairro formado a partir de doações das terras da Usina Santo Inácio na década de 1990. É um bairro de habitação regular, destinado a classe de renda média. O bairro representa ainda, no ano de 2004, o maior empreendimento privado de todos os tempo já registrado na cidade para fins comerciais e residências.

de até três salários mínimos. Dessa forma, quatro das seis famílias entrevistadas se enquadram, dentro desse contexto, como famílias de baixa renda, ou seja, famílias de meios populares.

É importante destacar que uma família não possuía nenhuma renda no momento da pesquisa e que outra possuía uma renda mensal um pouco superior em relação às demais, mas acreditamos que não é única e exclusivamente a renda que define esse grupo social e, sim, os espaços de sociabilidade que frequentam enquanto comunidade. Nesse contexto, podemos afirmar que todas as famílias pertencem a um mesmo grupo social.

A quantidade de filhos que as famílias possuem é bastante variada. As famílias Santos, Brito e Barbosa são compostas por pai, mãe e dois filhos(as). Já a família Silva é composta por pai, mãe e um filho, enquanto a família Lima tem sua composição por avó, avô e três netos. Por fim, a família Pereira é a única família composta por mãe e três filhos(as).

Cabe ressaltar que o número de filhos por família tem mudado com o passar do tempo. Vem ocorrendo uma diminuição na quantidade de filhos por família, principalmente quando falamos de família de meios populares, visto que, nas décadas passadas, essas famílias eram caracterizadas por sua grande quantidade de filhos e hoje, elas já não se caracterizam dessa forma. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de filhos por família no Brasil caiu.

A casa de todas as famílias que foram entrevistadas nesta pesquisa é própria. Assim, todas possuem esta característica em comum. Podemos perceber, então, que com o passar dos anos, ocorrem muitas melhorias e avanços sociais em relação à moradia para alguns grupos sociais, levando em consideração que este direito já é garantido pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 6º, e pelo Pacto Internacional dos Direitos Econômicos e Sociais de 1996.

Assim, com o passar do tempo, foram surgindo programas e políticas públicas sociais, a partir do governo Lula, como por exemplo: Minha casa, Minha vida (PMCMV), Casa Verde e Amarela, Morar Melhor, dentre outros, que visam garantir de fato a essas pessoas o direito à moradia que, há alguns anos, não fazia parte da

realidade desses grupos sociais, levando em consideração que o direito a uma habitação de qualidade, digna e própria é uma questão de muito tempo e, hoje, com esses programas e políticas públicas do Governo, vem sendo possível a essas pessoas.

Podemos perceber que cada família possui suas características próprias, o que as distingue uma das outras: são famílias em sua grande totalidade de baixa renda, compostas por pai mãe e filhos(as), onde a mãe é a peça principal na escolaridade e no desempenho escolar dos(as) filhos(as). Os pais também têm seu papel. Entretanto, nenhum deles se destacou tanto, durante o estudo, como a figura da mãe e da única avó.

A tabela abaixo destaca a quantidade de filhos(as) que cada família possui matriculado(s) na escola assim como no nível de ensino onde ocorreu o estudo.

Tabela 1: Quantidade de filhos(as) que cada família possui matriculado(s) na escola

Família	Quantidade de filhos(as) matriculados na escola	Quantidade de filhos(as) no 1º ano do Ensino Fundamental	Quantidade de filhos(as) em outras turmas
Silva	1	1	-
Santos	2	1	1
Lima	2	1	1
Brito	1	1	-
Barbosa	1	1	-
Pereira	1	1	-

Fonte: A autora.

Diante da tabela, podemos destacar, conforme Silva (2005, p.120), “o fato de serem famílias pequenas com um número reduzido de filhos para o período”. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), no Brasil, segundo o Censo de 2010, as mulheres têm, em média, 1,9 filhos. Entretanto, cabe destacar que esse número é uma média. Logo, essa quantidade pode apresentar uma variação.

Ainda conforme o IBGE (2021), a quantidade de filhos por mulheres no Brasil vem reduzindo desde a década de 1960, uma redução que ocorre em todas as regiões brasileiras.

4.2 “Sou exemplo”: refletindo sobre a influência familiar no ambiente escolar

Neste tópico, iremos analisar algumas categorias surgidas a partir dos depoimentos das famílias estudadas.

4.2.1 A referência pessoal e na vida escolar

Nesta categoria, vamos apresentar algumas formas de influência que as famílias acreditam que exercem sobre os(as) filhos(as), tanto do ponto de vista pessoal quanto escolar.

A participação na vida escolar aparece nos depoimentos das seis famílias pesquisadas, ao afirmarem que acreditam que sua atuação ativa na vida escolar dos(as) filhos(as) faz com que elas sejam uma referência positiva para eles, como veremos nos dois depoimentos a seguir:

Acredito sim, que minha participação na escola influencia a vida escolar dele, pois sou exemplo. (MÃE FAMÍLIA BRITO)

Demais, os pais tem que influenciar sim porque a educação vem de casa e a escola tem obrigação de ensinar sozinha não, por isso tem que ter o convívio dos professores como os pais, e é assim é? Eu trago meu filho deixo na escola e é responsabilidade do professor? E a minha de mãe que convivo mais tempo?, Aqui ele vai passar só quatro horas e eu passo a vida toda, é muito tempo. Os pais educam para o resto da vida, toda hora, por exemplo, eu tenho uma filha que faz faculdade e se eu não fosse uma mãe que tem uma estrutura assim, eu sou uma mãe solteira com muito orgulho (emoção) porque tenho muito orgulho dos meus filhos, com minha filha eu vivia na escola e puxava em casa era só elogios na escola por quê? Por incentivo da mãe. Eu não tive motivo de estudar, eu estudei depois de velha. Por isso a família é importante! Ela tá ali pra incentivar porque se não o filho não vem à escola, e nem tem futuro. Tem que ter incentivo dos pais, os pais tem que explicar a importância da escola e saber que sem estudo não vai a lugar nenhum. Eu crio meus filhos para se sustentarem, tanto os meninos como a menina, principalmente ela, ela tem que saber que não é obrigada a crescer casar e cuidar dos filhos não, e a família que faz isto tudo (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

Conforme afirma Santo (2013), é por meio dessas pequenas intervenções diárias que são realizadas pela família na escolarização dessas crianças que surgem mudanças no seu comportamento e no seu aprendizado, mostrando que a

participação familiar ativa influencia positivamente na vida desses sujeitos, durante toda sua escolarização.

Essa participação na vida dos(as) filhos(as) também é perceptível através da **ação dessas famílias por meio de exemplos e incentivos**, pois quatro das famílias pesquisadas afirmaram que acreditam que, por meio de exemplos e incentivos, elas também contribuem nesse processo:

Dando incentivo, afinal, eu sou exemplo, tenho que mostrar para ele que a escola é importante, que lá ele vai aprender coisas que em casa eu já mostro e coisas novas (MÃE FAMÍLIA BRITO).

Não deixar que venham sem fazer atividades, não perder escola porque se eu não o trouxer não tem quem traga, se eu não colocar pra estudar ou se eu não cobrar não tem que faça isso, sou a pessoa agora que mais influencio na vida dele, pois sou eu que cuido e dou o máximo por ele (AVÓ FAMÍLIA LIMA).

Mostrando a ele que estudar é importante, dando exemplo, trazendo na escola, cobrando dele quando é preciso (MÃE FAMÍLIA BARBOSA).

Eu contanto minhas experiências de crianças porque foram muito boas eu só não trabalho, mas estudei e terminei meus estudos, e eu conto muitas histórias para eles do que acontecia, as broncas de Neuma as broncas de Luciene tudo isso é coisa da escola, elas tem que dar, a escola tem que ter reverência (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

Incentivando ele é o mais importante de tudo, incentivo a vim para a escola para aprender, mostrando a importância de estudar e quem saber ele fazer uma faculdade, por que não? Ele tem capacidade sim, por isso é muito importante eu incentivar, eu ensinar, porque ele ainda vai depender muito de mim, e eu quero mostrar que ele pode sim se cuidar também sozinho, quero que ele chegue a ter a autonomia dele, fazer as coisas dele sozinho e pra isso tenho que o incentivar e todos os meus filhos, mostrar que a escola é importante, e que eles devem respeitar todo mundo, respeitar os professores e dar valor ao que tem, porque graças a Deus João tem o privilégio que eu não tive muitas vezes nos como pais tem até que obrigar a ir para escola, é nosso direito de mãe e pai colocar como obrigação diária, porque é para o futuro deles. Mas com respeito, porque meu direito termina onde começa o seu e para cobrar tenho que dar exemplo (MÃE DA FAMÍLIA PEREIRA).

Acreditamos que toda forma de participação é de extrema importância, ainda mais quando essas famílias dão a seus/suas filhos(as) exemplos, incentivos, contam suas experiências, pois, desse modo, essas famílias mostram às suas crianças que estão preocupadas e interessadas em participar da vida escolar desses(as) filhos(as).

4.2.2 Relação Família-Escola

Nesta categoria, vamos apresentar como a família percebe a sua relação com a escola.

Segundo Nogueira (2006), **os canais de comunicação da escola** têm ido além das reuniões. Atualmente, existem mais canais para a participação da família no ambiente escolar como, por exemplo, **conversas** na entrada e saída dos(as) alunos(as), como vemos nos dois depoimentos a seguir:

A diretora, ela me conhece, aí sempre fala. Aí como ela conhece ele, ela (diretora) fala, hoje ele foi muito bem. Por meio de conversas mesmo (MÃE FAMÍLIA SILVA).

Muito, conversando tudo que acontece na escola. Eu sei por que eu converso muito com a secretária chefe e com a diretora (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

Outro meio de comunicação para entre família e escola é a **reunião**. Esse encontro é uma das formas onde essas duas instituições (família e escola) mantêm contato uma com a outras. Destaque-se que, segundo Nogueira (2006), esse é um dos principais e tradicionais meio de comunicação:

A comunicação da escola sempre é feita pelos próprios gestores. Por meio de reuniões ou conversas informais na entrada da escola (MÃE FAMÍLIA BRITO).

Sendo assim, das seis famílias participantes desta pesquisa, duas delas afirmaram que são **incentivadas a participar da vida escolar dos(as) filhos(as) pela própria instituição escolar** por meio de reuniões, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

Sim, somos muito incentivados, por reunião sempre, sempre tem reunião, a reunião só com as mães também tem direto. Quando precisa a direção chama em particular, fazem projetos com as famílias sem ser em datas especiais (MÃE FAMÍLIA BARBOSA).

Sim, até porque isso aí não era nem preciso incentivo da escola porque isto já é uma obrigação dos pais né? Nos chamando para reuniões, conversas com outras mãe, falando sobre fardamento, horário de chegada na escola, disciplina essas coisa (AVÓ FAMÍLIA LIMA).

Para Santo (2013), a participação da família na vida escolar dos(as) filhos(as) pode ser percebida pela presença dos pais ou responsáveis na escola, atendendo às convocações para reuniões em grupo ou individuais.

Como veremos no depoimento abaixo, a mãe da família Pereira recebe **incentivo por parte da professora e da estagiária** que é responsável pelo auxílio do/da seu/sua filho(a) na sala de aula, para que essa mãe participe do processo de escolarização do(a) seu/sua filho(a). Vejamos:

Principalmente por mim mesma e depois a escola me chama para reunião, a escola que eu falo é a cuidadora e a professora, porque a direção se eu não vinher reclamar, não vai atrás não (risos) (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

Dessa forma, segundo Santo (2013), algumas dessas ações de aproximação se dão por iniciativa dos próprios gestores e equipes pedagógicas da instituição. Essas iniciativas têm como intencionalidade: educar as famílias, abrir a escola para participação familiar, interagir com a família para melhorar os indicadores educacionais e incluir o aluno e seu contexto.

Na nossa pesquisa, podemos perceber também que a professora e a estagiária, enquanto parte da equipe pedagógica, realizam sua função de incentivar a participação desta família na instituição.

4.2.3 Importância da escola na visão da família

Nesta categoria, vamos apresentar qual a importância que a escola tem para as famílias estudadas.

Em duas das famílias pesquisadas, a escola é, sem sombra de dúvidas, muito importante no **processo de socialização dos(as) seus/suas filhos(as)**, visto que é nela onde ocorrerá a socialização com outras crianças, a convivência com outros indivíduos, como podemos ver nos dois depoimentos a seguir:

Muita, para interagir com outras crianças conviver com outras crianças da idade dele, que ele é autista vive muito no mundo dele e a escola é importante. A gente ensina em casa, mas tem que interagir com outra criança, saber chegar no limite do respeito com o coleguinha a convivência a gente vive em sociedade né? A escola é uma sociedade e você não pode viver sozinho e a escola interage, isto faz com que a criança conviva com pessoas diferentes dele, que é importante que tenha outra opinião que abranja isso porque ele sozinho em casa só comigo e os irmãos vai ser diferente dele conviver com crianças que são diferentes dele, até porque ele e os irmãos são diferentes (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

Assim, acredito que é de grande importância, pois ele vem desenvolvendo bem, sabe? Inclusive recebi vídeos onde meu filho se comunicava com outras

crianças através de Libras (sorriso), isso me deixou muito feliz pois vejo que é praticado a integralidade, né? (MÃE FAMÍLIA BRITO).

Já para as outras quatro famílias, a escola é importante, pois é onde seus/suas filhos(as) irão **aprender novos conhecimentos**, irão desenvolver conhecimentos que já possuem e que apenas não foram trabalhados, e é onde irão consolidar os conhecimentos que recebem de suas famílias e os conhecimentos obtidos na escola:

Muito importante, porque ele aprende tanto em casa como na escola, um complementa o outro, a escola é meu apoio na educação dele (MÃE FAMÍLIA BARBOSA).

O aprendizado em geral, porque em casa eu ensino, aqui é como se fosse um reforço. Eu passo 24 horas assim ensinando né? Aí aqui é o meu suporte, é o meu braço direito na educação deles (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

A escola em geral ela é importante, né? Porque eles aprendem em casa e na escola eles vem rumo ao um futuro melhor, né? A importância é totalmente, é a mesma importância de ser ter uma família, é muito importante (AVÓ FAMÍLIA LIMA).

Muito importante (MÃE FAMILIA SILVA).

4.2.4 A escolha da escola e seus motivos

Nesta categoria, vamos apresentar o porquê da escolha específica dessa instituição escolar, os motivos que levaram essas famílias a fazerem essa escolha e se essas famílias gostam da escola em que seus/suas filhos(as) estudam.

A escolha da escola para algumas famílias ocorreu pela **proximidade da instituição de sua residência**, como podemos ver no depoimento a seguir:

Porque é mais perto de casa, não tem lógica eu colocar mais longe se tem essa bem perto, foi um processo tranquilo (MÃE FAMILIA BARBOSA).

Assim, nas palavras de Andrade (2015), um dos critérios de escolha das famílias com relação à escola está relacionado à proximidade, uma vez que as famílias normalmente não têm tempo de acompanhar seus/suas filhos(as) a lugares mais distantes ou por falta de dinheiro para o transporte escolar.

Para a família Brito, em especial, a justificativa de sua escolha se deu por motivos de **orçamento**, como mostra o depoimento a seguir:

Escolhi esta escola, depois que precisei cortar gastos, pois anteriormente ele estudava em uma escola particular. Para conseguir a vaga não tive dificuldades (MÃE FAMILIA BRITO).

Dessa maneira, segundo Andrade (2015), o fator custo financeiro se revelou importante, visto que apresenta-se como um limitador de outras motivações para escolher a escola, ou seja, para algumas famílias, embora não seja o custo o primordial na escolha de uma instituição, é essencial ter dinheiro para sustentá-la, manter seus/suas filhos(as) na escola.

Uma das famílias apontou como justificativa de sua escolha a **fiscalização** que a escola passa por parte da Secretaria de Educação. Diante do depoimento, podemos perceber que a escola em questão é bastante fiscalizada, além de ser uma instituição de referência recém-inaugurada no município. Acreditamos que esse fator pode ser um dos motivos para a constante fiscalização sobre a mesma:

Eu que escolhi, porque como é uma escola grande a fiscalização é maior, aí eu corro de escola pequena (risos), o processo foi rápido, estou aqui desde que a escola abriu, eu sou integrante da escola desde o comecinho (MÃE FAMILIA SANTOS).

Para as famílias dos depoimentos abaixo, os motivos que as levaram a escolha dessa escola foi a **qualidade da instituição de ensino**, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

Gosto sim da escola, porque assim a educação aqui é boa, as professoras a diretora é tudo bom também, é tudo bem-organizado, não tenho nada que falar de mau não (MÃE FAMILIA SILVA).

A escola é ótima, Porque ela dá toda assistência, os professores são bons, este meu neto, ele está na primeira série e já está lendo, meu outro neto já está bem aditando, eu gosto por este motivo, os professores são bons, a diretora e o diretor são ótimos e eu já conheço a diretora daqui desde outra escola, que meu neto estudou lá. Aqui só tem coisa boa não tenho de que me queixar (AVÓ FAMILIA LIMA).

Segundo Andrade (2015), um dois principais motivos que a família pode utilizar para escolher a instituição de ensino dos(as) filhos(as) é a qualidade e o prestígio da instituição, porque são escolhas que consideram a melhoria das condições de vida dessas famílias como um todo. Nesse contexto, a qualidade, o *status* e o prestígio da instituição escolhida acabam sendo fatores decisivos para a escolha da instituição por essas famílias.

Já a família Pereira escolheu a instituição de ensino por se tratar de uma **instituição pública**, visto que o filho desta família é um aluno com deficiência e, para receber acompanhamento que está garantido a ele por lei, a criança precisaria estar

matriculada em uma instituição de ensino pública, como veremos no depoimento a seguir:

Não, porque não gostei, por mim ele ainda estaria numa escola particular, mas como não tem condição, é muito difícil para ele por ser autista, aí coloquei no município, mas eu penso que é uma adaptação que ele ainda não está tendo por que ele é autista né? Não é tanto a escola, porque eu acho que quem faz a escola não é só o aluno, é os pais, os profissionais, então é o primeiro também, então eu não vi tanta diferença, mas pode ser que futuramente melhore. Porque ele vem de escola particular aí é totalmente diferente o ensino, eu também penso nessa diferença, eu também não vou dar nem dez, nem zero, vou ficar no meio termo, porque é tudo novo (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

Essa mesma família também ressalta que a escolha da escola não dependeu apenas dela, pois ela não teve opção de escolha, visto que a escola era a única no momento com disponibilidade de vaga. Assim, a escolha foi feita pela Secretaria de Educação e não pela família:

A Secretaria de Educação, porque eu não queria que ele estudasse aqui não, foi a vaga que tinha no momento, foi rápido, fui à educação tirei ele da escola particular que ele estudava desde os dois anos lá e como ele é especial para ele ter uma cuidadora e se desenvolver mais tinha que vir para o município, então eu fui na Educação, falei, ligaram pra cá e vim para cá para a vaga (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

4.2.5 Participação das atividades escolares: formas e responsáveis

Nesta categoria, vamos apresentar quem participa das atividades relacionadas à escola: de que forma acontece essa participação e sua visão em relação a essa atuação.

Em primeiro lugar, é importante destacar que, para todas as famílias presentes neste estudo, é relevante fazer as atividades escolares.

Das seis famílias participantes deste trabalho, duas delas afirmaram que suas formas de participação na escola ocorrem por meio de **reuniões e comemorações**, que elas participam quando esses eventos são promovidos pela instituição escolar, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

Sim, regularmente sempre venho aqui saber dele, sempre ajudo ele, venho nas reuniões, festinhas, comemorações tudo que tiver (MÃE FAMÍLIA BARBOSA).

Eu sempre participo das reuniões e alguns encontros de grupos de mães que são realizados semanalmente (MÃE FAMÍLIA BRITO).

Em coisas de lazer, essas coisas que tem na escola, festinhas, comemoração, reunião eu sempre tô presente, nunca falto. (AVÓ FAMÍLIA LIMA)

Como já observamos em uma categoria anterior, segundo Nogueira (2006), as reuniões são um dos principais meios de participação da família na vida escolar de seus/suas filhos(a), além de serem um importante momento de diálogo entre ambas instituições.

Outra forma de participação familiar foi relatada pela mãe da família Santos, que acredita que sua participação na vida escolar de seu(a) filho(a) ocorre também quando a mesma tem **zelo pelos materiais escolares**:

Sim, regularmente sempre eu olho o caderno[...] (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

Segundo Silva (2005), que dialoga com Lahire (1997), o zelo pelos materiais escolares: letras bonitas, cadernos encapados e tratados com carinho é o tipo de atividade desenvolvida pelas famílias, principalmente de meios populares. É uma forma de participação e acompanhamento dos(as) filhos(as) nas atividades escolares.

Até o momento, já foi possível observar que não existe apenas um meio de participação da família na escola e, dentre eles, está também a participação por meio de **conversas com os gestores e professores da instituição**. Como Nogueira (2006) destaca, quando diz que os meio de comunicação com os pais estão indo além das participações tradicionais nas reuniões:

Eu venho à escola, procuro saber das coisas, dou o meu melhor, e ensino em casa também e por eu ter feito Pedagogia, eu estagiei aqui, eu tento levar o que elas fazem para casa que eu sei que é difícil, tem dias que ela manda a tarefinha e eu não consigo fazer naquele dia, porque ele tem o dia corrido ele tem muitas tarefas no dia, ele tem terapia, natação, os médicos de alergia, fonoaudióloga, são muito médicos. No total são 6 médicos que ele tem que estar indo sempre e todo mês. Mas participo das reuniões quando tem ou festinha, fora isso, não tenho tempo não, até gostaria de ter, porque tenho que estar com ele sempre (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

De acordo com Santo (2013), a participação da família na vida escolar dos(as) filhos(as) pode ser percebida também pelo **acompanhamento das tarefas escolares**, visto que, dentre as ações realizadas pelos pais ou responsáveis, aqueles que demonstram uma atitude de acompanhamento/supervisão parecem estar mais presentes no cotidiano familiar e escolar de seus/suas filhos(as), como podemos ver nos depoimentos a seguir:

Com certeza, eu participo em casa né? Eu dou continuidade às tarefas daqui da escola, entendeu? 24 horas (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

Nas tarefas de casa, festinhas em reunião essas coisas que tem na escola, tô sempre participando, nunca faltou não, nas leituras coloco ele pra ler, coloco de castigo se não fizer as atividades, para que a criança siga o padrão direitinho, né? (AVÓ FAMÍLIA LIMA).

Sim, eu ensino ele em casa, faço atividades com ele em casa, porque tem que ter um incentivo, não pela diferença dele, mas porque é obrigação dos pais participar e eu participo. Sempre fui mãe e pai dos três, e uma boa estrutura familiar é você participar, você ensinar, você sentar com a criança para fazer a tarefinha, tenho quadro em casa, livro, cadernos de desenho, às vezes eu faço tarefinha para eles, acompanho ele assim (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

Sobre **os responsáveis na realização das tarefas escolares** (tarefas de casa) vamos perceber nos depoimentos a predominância da ação de diferentes membros da própria família, em especial a mãe.

Quatro das famílias afirmaram que são as **mães** quem participam e orientam essas atividades:

Eu participo em tudo, sempre que os professores pedem ajuda desde que começou a escola, eu tô ajudando, em reunião, festividade, como eu posso ajudar, inclusive, eu estava conversando com Simone hoje, que na semana da criança eu trazer minhas coisas, eu fiz um curso de confeitaria pra fazer cupcake com eles aqui na sala, assim é uma coisa minha, né? Eu que vou oferecer isso pra eles (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

Apenas quem participa das atividades sou eu (MÃE FAMÍLIA BRITO).

Sou eu (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

Assim, podemos perceber que, para as mães dos depoimentos acima, é importante fazer tudo que está ao seu alcance e, muitas vezes, ir além de seus limites, como afirma Silva (2005), para garantir a longevidade escolar de seus/suas filhos(as), bem como a manutenção desses(as) filhos(as) na escola, não medindo esforço para tal.

Estudos como de Silva (2005; 2017) e Resende (2013), que corroboram com Hallam (2009), destacam a figura materna como indispensável na vida escolar de seus/suas filhos(as), principalmente na realização das atividades escolares.

Sendo assim, essas mães que ficam responsáveis por auxiliar seus filhos(as) na realização dessas atividades, segundo Silva (2005), são normalmente mulheres fortes e de fibra, que se destacam pelo empenho e esforço realizado dia a dia para a manutenção e permanência dos seus/suas filhos(as) na escola.

Das seis famílias participantes desse trabalho, três afirmaram em suas falas que **tanto a mãe como o pai** são os responsáveis por auxiliar seus filhos(as) na realização das tarefas escolares (tarefa de casa). Vejamos:

Eu e o pai dele, ajudamos na tarefa de casa, ajudando assim, não fazendo né? Ensinando a ele como fazer, auxiliando ele (MÃE FAMÍLIA SILVA).

Ou é eu ou meu esposo (MÃE FAMÍLIA BARBOSA).

Eu e meu esposo. Português eu e Matemática meu esposo (MÃE FAMILIA SANTOS).

Na família Lima, a participação se refere a **outros familiares**. Neste caso, é realizada tanto pela avó como pelo seu neto mais velho. São eles os responsáveis no auxílio das atividades relacionadas à escola:

Meu neto mais velho, as pessoas de casa (AVÓ FAMÍLIA LIMA).

Nas atividades de casa, quando tô muito ocupada, meu neto mais velho ajuda ele, sempre são as pessoas de dentro de casa ou eu ou meu neto mais velho (AVÓ FAMÍLIA LIMA).

Ainda tivemos a presença de pessoas externas ao núcleo familiar, como no caso da família Brito, que aparece em mais de uma categoria, onde quem auxilia esse aluno(a) na realização das atividades de casa é a **professora do reforço escolar**. Porém, a mãe destaca que, quando esse aluno não realiza as atividades no reforço, é ela mesma quem o auxilia, como podemos ver no depoimento a seguir:

Geralmente, as atividades escolares são realizadas no horário das aulas de reforço e quando não faz no reforço, eu ajudo (MÃE FAMILIA BRITO).

Segundo Silva (2005), é importante reconhecer que, na vida dos indivíduos em processo de escolarização, é bastante recorrente ocorrer a ajuda de uma pessoa quase sempre externa ao núcleo familiar, que ajuda de diferentes formas nesse processo.

Essa pessoa pode ser um padrinho, uma madrinha, ou um professor(a), como no caso da família acima. Essa pessoa irá auxiliar esses indivíduos durante sua trajetória escolar de diversas formas como, por exemplo, emprestando ou comprando livros, ajudando financeiramente, acompanhando nas tarefas escolares, que é o caso da família Brito.

Podemos perceber, diante do exposto, que a participação dessas famílias na realização das atividades escolares demonstra um interesse e um acompanhamento permanente na vida escolar de seus/suas filhos(as).

Para Resende (2013), no olhar dos educadores, o dever de casa é uma forma de comunicação com as famílias, um meio de envolver as famílias na vida escolar das crianças. E o dever de casa tem seu lugar de destaque nessa relação, por ser um meio de comunicação de maneira indireta entre família e escola. Por isso, ela pode ser vista como uma janela onde será possível olhar a relação entre ambas Instituições.

É de suma importância destacar que as famílias participantes da pesquisa e da vida escolar dos(as) filhos(as) afirmam possuir dois tipos de visão sobre sua colaboração na aprendizagem dos seus/suas filhos(as), colaboração essa que, segundo os estudos de Nogueira (2006), sem sombra de dúvidas, possui um efeito positivo sobre a escolarização desses filhos(as)

Três das seis famílias participantes afirmaram que **possuem uma visão positiva de sua participação na aprendizagem dos(as) seus/suas filhos(as)** e fazem o máximo que elas conseguem, como veremos no depoimento a seguir:

Eu faço o máximo que eu posso, o pai dele também, acredito que estamos indo no caminho certo (MÃE FAMÍLIA BARBOSA).

Porém, é importante destacar que, mesmo com uma visão positiva de sua ação, três das famílias afirmam que poderiam “fazer mais”, ou seja, contribuir de outras maneiras com a escolarização de seus/suas filhos(as), seja por meio de um curso de línguas ou, então, por meio de um reforço, ou de qualquer outra maneira que essa família consiga ajudar ainda mais seu/sua filho(a), como veremos nos depoimentos a seguir:

Ah, sempre temos algum ponto a melhorar, e colaborar demais jamais será exagero, da forma que levo acredito que está bom (MÃE FAMÍLIA BRITO).

Eu acho que sim, nunca é suficiente sempre falta alguma coisa, a gente sempre queria dar mais né? (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

Rapaz, se eu pudesse eu pagava reforço escolar, visse? Não porque a escola não alcança o objetivo dela, porque ela alcança, mas se eu pudesse, para melhorar, queria muito colocar eles em cursos de inglês de coisas assim, gostaria muito mesmo (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

4.2.6 O traslado entre casa/escola e escola/casa

Nesta categoria, vamos apresentar como os alunos vão para a escola e como voltam para suas casas e com quem é feito este processo, visto que é neste momento em que a mãe costuma perguntar à professora e à gestora sobre comportamento, atividades, ou seja, como está a situação dos seus/suas filhos(as) na escola.

Este também é o momento em que essa mãe questiona seu/sua filho(a) com relação a sua expectativa com a aula ou como foi o seu dia na escola, como muitas vezes foi presenciada tal situação durante a realização da coleta de dados.

Cabe ressaltar, ainda, que este momento também é de suma importância, pois mostra que a mãe ou o responsável que está encarregado de desenvolver tal função, atribui um valor a esse momento que é uma forma desses indivíduos exercerem influência na vida escolar dessas crianças.

No deslocamento de casa para a escola, das seis famílias participantes, apenas para uma delas o meio de deslocamento até a escola é **caminhando**, como podemos ver no depoimento a seguir:

Eu saio de lá 7h00min e chego aqui às vezes 7h20min, às vezes 7h30min, no máximo meia hora, não uso transporte, venho caminhando (MÃE FAMÍLIA SILVA).

Para quatro delas, o principal meio de deslocamento para a escola é a **bicicleta**:

Gasto, em média, 10 minutos de deslocamento até a escola e nosso meio de transporte é a bicicleta (MÃE FAMÍLIA BRITO).

A família Lima foi a única família que informou que o deslocamento para a escola é feito usando o **carro** como meio de transporte:

Olhe, geralmente eu tô vindo de carro porque é muita coisa para mim resolver, mas de carro gasto uns 3 minutos e a pé uns 5 ou 6 minutos (AVÓ FAMÍLIA LIMA).

Sendo assim, foi importante também perceber que essa responsabilidade é dos membros da família.

Das seis famílias participantes, três afirmaram ser função da **mãe** pegar seu/sua filho(a) na escola após a aula. Novamente, podemos ver como a mãe está sempre presente em todo processo de escolarização e fazendo o seu máximo:

Não, João tem dependência totalmente minha, levo e trago, ele é minha total responsabilidade. Só eu trago (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

Para duas das famílias, a responsabilidade de pegar seu/sua filho(a) na escola é compartilhada entre a mãe e o pai, pois, para elas, ambos deveriam exercer tal função e ninguém além deles, como veremos nos dois depoimentos a seguir:

Não só sai comigo e o pai, só eu e o pai e mais ninguém (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

Não confio em deixá-lo ir só, então ou eu ou o pai dele assume a responsabilidade (MÃE FAMÍLIA BRITO).

Cabe destacar que a família Lima foi a única que afirmou que a responsabilidade de pegar suas crianças na escola após a aula é da avó. Quando está se encontrava impossibilitada, os estudantes iam sozinhos, pois a escola era bem atrás de sua residência:

Só em casos muito extremos mesmo, que eu tenha uma coisa muito importante para resolver, daí eles vão sozinhos mas já tem gente no meio do caminho esperando eles, e como é bem atrás da escola nossa casa é rápido mesmo, isso só aconteceu uma vez. Mas geralmente é só eu quem trago e levo para casa (AVÓ FAMÍLIA LIMA).

Acreditamos que, para todas as famílias estudadas, este momento de ida e volta para a escola é um momento muito importante de comunicação das mães/ avó com os seus/suas filhos(as)/netos(as), porque é onde elas podem questionar essas crianças sobre como foi o dia delas na escola, conversar sobre as atividades e, assim, dialogar com elas.

4.2.7 Rotina dos(as) filhos(as) em casa

Nesta categoria, vamos apresentar a rotina dos alunos ao chegarem em suas casas após a escola, pois, como os estudos de Lahire (1997) *apud* Silva (2005) afirmam, essa organização doméstica também contribui para o bom desempenho escolar.

Três das seis famílias participantes dessa pesquisa relataram que a rotina de seus/suas filhos(as) ao chegar em casa é **almoçar, brincar e só depois ocorre a realização das atividades escolares**, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

Agora né? Depois da escola? Tipo ele toma banho, almoça e vai brincar e as atividades dele assim, eu sempre deixo pra fazer à tarde, aí faz as atividades, e vai brincar de novo e ele vai dormir no máximo às 21h00min (MÃE FAMÍLIA SILVA).

O que ele costuma fazer até a hora de dormir? Ele almoça depois vai brincar, tenho a hora da leitura para ele poder dormir, e para ele dormir eu faço leitura, mas é de um livro só (risos), tá difícil de sair do livro, depois vai aos médicos que tem para o dia, a rotina dele é bem corrida por causa das atividades fora de casa (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

Tipo, ele toma banho, almoça e vai brincar e as atividades dele eu sempre deixo pra fazer à tarde, aí faz as atividades, e vai brincar de novo, depois ele toma um banho e a gente vai fazer leitura e treinar a caligrafia um pouco (MÃE FAMÍLIA BARBOSA).

Podemos perceber que, para essas famílias, é importante que essas crianças tenham um momento de diversão e brincadeira antes de realizar as atividades de casa, momento esse que tem papel importante no processo de aprendizagem de seus/suas filhos(as), pois, ao brincar, eles também estão aprendendo.

Em duas das famílias, a rotina após a escola é, em primeiro lugar, a **realização das atividades relacionadas à escola** e, em seguida, ficar vendo televisão ou brincando dentro de sua residência:

Dentro de casa (risos)[...] faz as atividades e vai ver televisão[...] (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

Essa família em especial é a única em que a criança **chega em casa, almoça e, em seguida, vai para o reforço**, para que, chegando lá, essa criança seja auxiliada pela professora responsável nas atividades de casa, como podemos ver no depoimento a seguir:

Assim, quando ele chega da escola de segunda-feira a quinta-feira, ele almoça e vai para as aulas de reforço, e quando volta vai para o vídeo game, ou para o treino de futebol (MÃE FAMÍLIA BRITO).

Uma outra questão importante nesta rotina é **saber se esses(as) filhos(as) costumam realizar as tarefas escolares que chegam para casa**.

Cinco das famílias pesquisadas falaram nos depoimentos a seguir que seus/suas filhos(as) **sempre vão para a escola com as atividades de casa feitas**, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

Ele sempre vem com as atividades feitas, é muito difícil ele não vir, porque é muito importante ele sempre vir com elas feitas (MÃE FAMÍLIA SILVA).

Não, é superimportante ele fazer né? (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

Não, ele sempre faz as atividades, é muito importante pra ajuda a gravar o que viu na aula (MÃE FAMÍLIA BARBOSA).

Não, porque é muito importante fazer as atividades da escola (MÃE FAMÍLIA BRITO).

Não, só em casos extremos, por que, quando chega em casa, eu acho que seja uma obrigação do pai ou da mãe ou de quem está em casa sabe? No meu caso, eu que sou avó, é uma obrigação dos pais quando o aluno chegar em casa revistar a bolsa pra ver se fez atividade certinho na escola se não fez porque não fez, se tinha atividade de casa, em casa meu padrão é esse, fui criada assim.(...) Ele tem que vir com atividade feita porque é uma obrigação que ele tem que cumprir, se a professora passou um trabalho de casa ou uma tarefa e mesmo que aquela atividade não seja para o dia seguinte da aula, mas s ele deve fazer já que vai ter a tarde todinha pra fazer, não vai fazer nada de trabalho, a única coisa que faz é estudar, então tem que fazer tudo no dia certo e na hora certa (AVÓ FAMÍLIA LIMA) .

É possível perceber, diante do exposto acima pelas famílias, a importância que a realização das tarefas escolares de casa têm para as famílias, visto que seus/suas filhos(as) dificilmente vão à escola sem as atividades prontas. Cabe ressaltar novamente a presença da mãe como peça principal desta função.

Assim, em concordância com Silva (2005), que dialoga com Viana (1998), Gurgel (1998) e Setton (2005), podemos observar que indubitavelmente é de extrema importância o papel da mãe na realização das atividades escolares, principalmente no controle diário delas e no estabelecimento de rotinas, visto que é com ela que há constante diálogo com os(as) filhos(as), levando em consideração que, por muitas vezes, é apenas essa figura que se encontra em casa e à disposição.

Apesar da mãe da família Pereira, como veremos no depoimento abaixo, falar **que não consegue que seu filho realize as atividade passadas para casa sempre**, ela não deixa de afirmar a importância de realizá-la, quando é possível diante das possibilidades dela e do seu filho, visto que a mãe destaca que a realização da atividade é no tempo do seu filho. Entretanto, a atividade é realizada, embora não seja no tempo estipulado pela professora.

Acontece sim, acontece de ela mandar a tarefinha, mas aquele dia ser muito corrido, por exemplo, dia de quarta eu pego ele mais cedo, ele vai pra natação, depois vai almoçar, depois tem terapia, é tão corrido que à noite ele não quer, ele tá cansado, aí eu falo para ela, aí no dia seguinte faço as atividades, porque tudo também é no tempo dele, para fazer tarefinha com João tem uma mesinha própria, eu coloco a tarefinha ali, aí quando ele quer

ele vai fazer, às vezes ele faz uma letra, já está cansado (risos), aí diz que não quer fazer agora, ele fala na terceira pessoa, aí eu deixo lá, aí no tempo dele ele pede para fazer a tarefinha, tudo com ele é diferente, é sempre adaptação (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

4.2.8 O comportamento e interesse dos(as) filhos(as) com relação à escola

Nesta categoria, vamos apresentar, segundo as famílias, qual o comportamento e o interesse dos seus filhos(as) com relação à escola.

Três das famílias pesquisadas afirmaram que seus filhos(as) **possuem bom comportamento em sala de aula**, como veremos nos dois depoimentos a seguir:

Ótimo, porque eu educo (risos) (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

Meu filho na escola tem um bom comportamento, nunca fui chamada atenção (MÃE FAMÍLIA BRITO).

Duas das seis famílias pesquisadas afirmaram que **o comportamento dos(as) filhos(as) na sala de aula é mediano**, como podemos ver nos dois depoimentos a seguir:

Agora está bem melhor vi? Porque antes ele era bem pior sabe, porque o gênio dele é um gênio explosivo aí até que agora está bem melhor, bem calmo, pra mim o comportamento dele está bom. (MÃE FAMÍLIA SILVA)

Na escola eu tô sempre assim né? De olho no comportamento. Porque criança, quando vê muitas crianças, ela se empolga e quer um pouco aparecer, né? Um quer ser mais do que o outro, e coisa e tal, mas o comportamento deles eu não tenho muita queixa só de displicência e que são um pouco devagar, então considero bom (AVÓ DA FAMÍLIA LIMA).

Para a família Pereira, em especial, o comportamento do seu filho não se encaixa em nenhuma das categorias citadas acima, visto que ele é um aluno com autismo severo. Dessa maneira, para a família, o comportamento dele é diferente de outras crianças que não possuem sua condição e são ditas “normais” pela sociedade, como veremos no depoimento a seguir:

Ele é especial já está dizendo tudo, né? É diferente pra gente que tem filhos normais, normais entre aspas, porque ele é normal, sem a diferença do autismo, por que João ele não age da mesma forma, a aprendizagem dele também não é do mesmo jeito, é uma coisa totalmente nova para mim e para os professores também, né? A gente está aprendendo, né? Então é diferente (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

É necessário destacar que todas as famílias participantes desse trabalho afirmaram que seus filhos possuem interesse em estudar, visto que são crianças que fazem as atividades de casa, gostam de ir para a escola, são curiosos e interessados nos seus estudos, como veremos nos seis depoimentos a seguir:

Eu acho que gosta, assim, porque que nem a professora mesmo já disse, ele é uma pessoa que tipo faz a tarefa tudinho direitinho, ele não reclama, quando chega em casa ele fala, ele lê, diz o que aconteceu na escola e essas coisas (MÃE FAMÍLIA SILVA).

Muito, principalmente a menina, não é questão que ele goste menos ou mais, a questão é que ele tem mais dificuldade, a menina na idade dele já era desesperada na leitura, ele ainda é meio paradinho ainda ,né? E eles gostam porque sempre pedem pra vir na escola mesmo doente (MÃE FAMÍLIA SANTOS).

Sim, por que ele é uma criança curiosa, sabe? No sentido de pesquisar e perguntar sempre que tem dúvida, em casa procura realizar suas atividades (MÃE FAMILIA BRITO).

Ele gosta de estudar sim, ele não tem preguiça na hora de tomar banho, se arrumar pra vir para a escola, de ir fazer as atividades e até porque eu também cobro muito isso dele, mas ele gosta, pede pra ir mesmo quando vai largar cedo (MÃE FAMÍLIA BARBOSA).

Ele gosta de estudar, ele não tem preguiça na hora de tomar banho, se arrumar pra vir para a escola, ele não tem obstáculo não, no meu ponto de vista ele gosta, e também a minha exigência é grande, né? Gosta também pela professora, que também dá atenção a ele, porque se o aluno vem para o colégio e é mal atendido pelo professor ele não vai se sentir bem ali naquele ambiente (AVÓ FAMÍLIA LIMA).

Ele gosta da escola, não sei por que ele não gosta tanto dessa, mas ele gosta mais porque os autistas são muito apegados, se apegam muito aos professores, então ele dá na cabeça dele, ele ficou dois anos com a mesma professora da escola particular entendeu? Então pra ele ainda é novo, ele chama ela todo os dias, ele não entendeu que vem para a nova tia, ele pede para ir para a tia antiga, ele não acostumou, vai fazer um ano e ele ainda não acostumou, mas é questão de tempo, ele gosta porque ele pinta ,ele se diverte (risos) é a frase dele, ele diz todo dia isso (MÃE FAMÍLIA PEREIRA).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que muitos estudos sobre as relações entre família e escola apontam a necessidade de compreender ainda mais o papel que cada uma dessas instituições exerce na vida dos sujeitos.

Na medida em que nosso estudo analisa um grupo considerável de famílias de perfis econômicos e sociais próximos, acreditamos poder contribuir para essas discussões, principalmente relacionadas ao papel da família nos processos de escolarização de crianças, e também para um aprofundamento sobre as singularidades e a heterogeneidade dos meios populares em suas ações nos processos educativos.

A criança, durante seu período de escolarização, sofre várias influências por parte da família, pois é nela que a criança terá o primeiro contato com valores, crenças, costumes e comportamentos, podendo, assim, a família influenciar de maneira positiva ou negativa no processo de aprendizagem desses(as) filhos(as) durante toda vida escolar desses.

Uma vez que é na família que se constroem os primeiros modelos a serem seguidos por esses filhos(as), essa instituição possui importante papel na formação desses sujeitos, bem como na educação deles, na formação da moral, nos costumes e nas atitudes dessas crianças. Dessa maneira, a sua participação na vida escolar desses filhos(as) é imprescindível, pois quanto mais ocorrer sua participação mais influência positiva esta criança sofrerá.

Assim, a participação efetiva, a responsabilidade e o comprometimento dessas famílias no processo de escolarização é de fundamental importância no desenvolvimento integral do sujeito, já que a sua atuação influencia diretamente no desenvolvimento e no ensino-aprendizagem dessas crianças na escola.

Na medida em que eles comparecem na instituição de ensino, seja para reuniões, festas, conversas com a gestão, com a educadora ou no ato de olhar o caderno, de auxiliar na realização da atividade de casa, ao levar e buscar na escola, todas essas ações tem um peso de inestimável importância para a vida escolar

desses/dessas filhos(as), já que é a família que constitui a base de toda a educação e transformação das relações que envolvem o homem no contexto social.

É fundamental destacar que, nas seis famílias participantes do nosso estudo, todas as entrevistadas, sem exceções, foram mulheres, mães e avó, que, a todo momento, não mediram esforços para garantir a permanência de seus/suas filhos(as) na escola, fazendo o que estava além de seu alcance, além de sempre buscarem participar ativamente da vida escolar de suas crianças, uma vez que estas se destacam por todo empenho e esforço dedicado à vida escolar de seus/suas filhos(as), dando-lhes exemplos, incentivos e mostrando o quanto a escola é importante em suas vidas.

Já para os pais desse estudo, na visão de suas companheiras, a eles é atribuído o papel de manter sua residência e de auxiliar seus filhos(as) na realização das atividades de casa, quando necessário, além de fazer o traslado de casa para a escola e da escola para casa.

A questão de gênero tem destaque no referido estudo, visto que a maior participação é feminina, ou seja, a participação é das mães e da avó. Em pouquíssimos momentos aparece a presença masculina, ou seja, dos pais e do avô. Quando estes são mencionados por suas companheiras é de modo bastante específico para a participação em coisas pontuais, ficando evidente nesta pesquisa que a figura feminina das mães e da avó ocupam papel de destaque tanto no trabalho doméstico em suas residências como na educação de seus/suas filhos/filhas.

Dessa maneira, podemos perceber que o papel que a família exerce na vida da criança é de grande relevância para seu desenvolvimento escolar. Assim, em hipótese alguma, este pode ser desconsiderado ou ignorado, pois as famílias participam ativamente da vida escolar de seus/suas filhos(as), seja em pequenas intervenções diárias que geram grandes mudanças no seu comportamento ou no seu aprendizado durante toda sua vida escolar.

A família é a instituição mais importante onde a criança está inserida, sendo ela responsável pelo cuidado e plena formação deste cidadão para a sociedade. É na família que ela encontrará apoio para se desenvolver nos aspectos cognitivo e social. Toda criança aprende a partir do que observa, do comportamento, atitudes e da

educação que recebe de seus responsáveis. Sendo assim, a criança reproduzirá toda e qualquer atitude que vier a aprender no seio familiar. Portanto, é de total importância que a família exerça influência positiva sobre a sua participação na vida escolar de seus/suas filhos(as).

É indispensável destacar que tanto a escola quanto a família são imprescindíveis ao indivíduo. Quanto mais forte a parceria entre essas instituições, mais eficazes serão os resultados na vida escolar e no processo de ensino-aprendizagem desses/dessas filhos(as), levando em consideração que essa parceria deve ser constante e que uma complementa a outra.

Para tanto, a fim de manter uma relação harmoniosa entre ambas Instituições para alcançar resultados educacionais satisfatórios para o processo de escolarização dessas crianças, faz-se necessário a parceria entre a instituição escolar e a instituição familiar.

Para isso, a escola precisa manter um diálogo com a família, buscando informar aos pais sobre a importância da participação deles para o desenvolvimento de(a) seu/sua filho(as). Todavia, para que isso aconteça, os dois lados precisam estar visando os mesmos ideais, buscando compartilhar os mesmos objetivos para o melhor desenvolvimento dessas crianças. É papel da escola, ainda, auxiliar a família no processo de educação e escolarização dessas crianças, complementando a educação do ambiente familiar.

Assim, a família em conjunto com a escola e vice-versa são peças fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança e, conseqüentemente, pilares indispensáveis no desempenho desses/dessas filhos(as) durante todo seu período e permanência escolar, devendo caminhar de mãos dadas e com o mesmo objetivo: formar integralmente essas crianças para serem cidadãos críticos e reflexivos na sociedade.

Em resposta ao objetivo geral: *compreender a influência exercida pela família na vida escolar de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal do Cabo de Santo Agostinho- PE*, obtivemos os seguintes resultados: as famílias estudadas afirmaram em seus depoimentos que sua participação/atuação ativa na vida escolar dos(as) filhos(as) faz com que elas sejam uma referência positiva

na vida deles. Essa participação na vida dos(as) filhos(as) também pode ser percebida através da ação dessas famílias por meio de exemplos e incentivos.

Os canais de comunicação da escola com a família estão indo além das tradicionais reuniões. Atualmente, há mais canais para essa participação, como, por exemplo, conversas na entrada e na saída da escola. Para que essa comunicação venha a ocorrer, os incentivos partem da própria instituição escolar por meio de gestores(as)/professores(as) e estagiários(as).

Para algumas famílias, a escola é muito importante no processo de socialização dos(as) seus/suas filhos(as). Já, para outras, é o local onde seus/suas filhos(as) irão aprender novos conhecimentos. Dessa maneira, a escolha dessa escola para algumas famílias ocorreu pela proximidade da Instituição de sua residência, pelo orçamento, a fiscalização, a qualidade da instituição de ensino e, por fim, por ser uma instituição pública.

As participações dessas famílias no ambiente escolar são diversas, como, por exemplo, reuniões, comemorações, zelo pelos materiais escolares, conversas com a gestão da escola e o/a professor/a, assim como o acompanhamento das tarefas escolares. Quanto aos responsáveis na realização das tarefas escolares (tarefa de casa), a predominância dessa responsabilidade é das mães. Porém, também há famílias onde a responsabilidade é compartilhada entre mães e pais. Em uma das famílias, em específico, a responsabilidade recai para outros familiares. Há também o repasse dessa responsabilidade para professora do reforço escolar.

As famílias possuem uma visão positiva de sua participação na aprendizagem dos(as) seus filhos(as). Entretanto, algumas afirmam que poderiam “fazer mais”, ou seja, contribuir de outras maneiras com a escolarização de seus/suas filhos(as).

Muitos são os meios de deslocamento dessas famílias, como, por exemplo, ir caminhando, usar a bicicleta e usar o carro. A responsabilidade pra realização dessa função em algumas famílias é apenas da mãe. Em outras, é compartilhada com o pai e, em um único caso em especial, na impossibilidade da avó realizar tal função, seus/suas filhos(as) realizam esse deslocamento sozinhos.

A rotina desses/dessas filhos/filhas ao chegarem em casa é bastante diversificada. Em sua maioria, ao chegar em casa é: almoçar, brincar e, só depois, ocorre a realização das atividades escolares. Em outras, em primeiro lugar, é a realização das atividades relacionadas à escola e, para um família em específico, ao chegar em casa, essa criança almoça e, em seguida, vai para o reforço. Cinco das seis famílias destacaram em seus depoimentos que seus/suas filhos(as) sempre vão para a escola com as atividades de casa feitas. Apenas uma família destacou que não consegue sempre que seu/sua filho/filha realize as atividades passadas para casa.

A visão das famílias acerca do comportamento dos/das seus/suas filhos/filhas se divide: algumas famílias afirmaram que seus filhos(as) possuem bom comportamento em sala de aula. Já outras afirmaram que o comportamento dos(as) filhos(as) na sala de aula é mediano. E, para uma família em especial, o comportamento do seu/sua filho/filha não se encaixa em nenhum desses citados acima.

Por fim, a comunicação entre família e professora acontece de maneira tranquila, além de ser um movimento recíproco, visto que a professora também procura as famílias; essa comunicação ocorre sempre no início ou no final das aulas.

A família tanto influência na vida escolar dos/das filhos/filhas que essa influência na atualidade também é pontuada por marcos legais, como a constituição de 1998 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1993/1994, assim como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017.

Com base nos depoimentos das seis famílias participantes no estudo, podemos observar que todos são cientes da extrema importância da sua colaboração, participação e responsabilidade durante a vida escolar de seus filhos(as) e que a parceria entre a instituição família e escola se faz necessária. Podemos confirmar isso de acordo com o resultado da pesquisa, através do qual foi possível observar que a família ajuda a criança no que está ao seu alcance e, para além dele, dando atenção e ajudando nas atividades de casa, participando das reuniões, festas, projetos da escola e todas as outras atividades relacionadas à escola.

Dessa maneira, a participação ativa da família influencia diretamente no processo de aprendizagem desses/dessas filhos(as), fazendo com que esses sintam-

se seguros e apoiados para seguir em frente com sua vida escolar. A participação dos pais no cotidiano escolar dos(as) filhos(as) e a influência causada em decorrência dessa participação é um fator determinante para o desempenho e desenvolvimento do(a) aluno(a) na escola.

A família possui tanta influência na escolarização de seus/suas filhos/filhas que outra descoberta neste estudo mostra que todas as seis crianças das famílias pesquisadas sabem ler e escrever no 1º ano do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2006.

ANDRADE, M. S. Rede pública ou privada? Motivações para a escolha de escola por famílias de camadas populares e nova classe média. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 37, 2015, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Trabalhos/GT14, Florianópolis-SC, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT14-4350.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2019.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 27 nov. 2018.

_____. **Constituição (1988)**. República Federativa do Brasil. Promulgada em 5 de outubro de 1988. 16. ed. atual. ampl. São Paulo: Saraiva, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 27 nov. 2018.

_____. **DECRETO Nº 6.135**, de 26 de jun. de 2007. Dispõe sobre o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal e dá outras providências. Brasília, DF, jun 2007. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10828278/artigo-1-do-decreto-n-6135-de-26-de-junho-de-2007>>. Acesso em: 29 out. 2020.

BASTOS, R. C. P. S. **Família e Escola: a parceria que deu certo**. Salvador: COPEDIN, 2011.

BRUEL, A. L. O. Escolha da escola pela família e estrutura de oportunidades na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro: uma análise das características das escolas. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 37., 2015, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Trabalhos/GT14, Florianópolis-SC, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT14-4396.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2019.

BARROS, A. M. **O crescimento urbano forma e informal da cidade do Cabo de Santo Agostinho/PE e a consolidação de uma questão habitacional**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/6760/1/arquivo6857_1.pdf> Acesso em: 18 fev. 2021.

CAMPOS, A. R. Os efeitos da política de nucleação das escolas rurais na relação família-escola. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 38., 2017, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Trabalhos/GT14, São Luís (MG), 2017. Disponível em:

<http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38_anped_2017_GT14_572.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico: Fecundidade**, 2021. Disponível em: <<https://cnae.ibge.gov.br/en/component/content/article/95-7a12/7a12-vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/1472-nupcialidade-e-fecundidade.html?Itemid=6160#:~:text=A%20taxa%20de%20fecundidade%20indica,dois%2C%20tr%C3%AAs%20ou%20mais%20filhos.>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

GURGEL, P. R. H. **Ditos sobre o sucesso escolar**: estudo de casos no estado da Bahia. Projeto de Educação Básica para o Nordeste. Brasília: MEC, 1998.

JÚNIOR, M. B. M. S.; MARCELO, S. T. M.; SANTIAGO, M. E. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. Movimento: revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v.16, n. 03, p. 31- 49, jun./set., 2010.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos inquietações e buscas**. Curitiba: Educar; Editora da UFPB, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.

NOGUEIRA, M. A. Família e Escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação e Realidade**, p.155-170, jul./ dez., 2006. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v31n02/v31n02a10.pdf>>. Acesso em: 20 de nov. 2018.

_____. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Análise social**. v. XI, n. 176, p.563-578, 2005.

_____. Teses e dissertações sobre a relação família-escola no Brasil (1997-2011): um estado do conhecimento. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED**, 37., 2015, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Trabalhos/GT14, Florianópolis-SC, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT14-4137.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2019.

RESENDE, T. F. Pela “janela” do dever de casa, o que se vê das relações entre escolas e famílias?. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, NADIR, (orgs.). **Família & escola**: novas perspectivas de análise. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RESENDE, T. F.; OLIVEIRA, R. A; REIS, L.S. Dever de casa e relação com as famílias em projetos de ampliação da jornada escolar. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED**, 37., 2015, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC,

Trabalhos/GT14, Florianópolis-SC, 2015. Disponível em:
<<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT14-4597.pdf>.> Acesso em: 09 abr. 2019.

SANTO, A. M. O. Relação família-escola e desempenho escolar: estudo em duas escolas da rede municipal do rio de janeiro. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 36., 2013, Universidade Federal de Goiás - UFG, Trabalhos/GT14, Goiânia-GO, 2013. Disponível em:
<http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt14_trabalhos_pdfs/gt14_3323_texto.pdf.> Acesso em: 06 abr. 2019.

SENKEVICS, A. S. Lavar a louça ou brincar na rua? Gênero, família e escola em camadas populares de São Paulo. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 37., 2015, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Trabalhos/GT14, Florianópolis-SC, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT14-3514.pdf>.> Acesso em: 09 abr. 2019.

SILVA, F. C. **Família e leitura**: a contribuição de práticas de leitoras em meios populares. Tese (Doutorado em Educação e linguagens) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE, 2017.

_____. **Trajetória de longevidade escolar em famílias negras de meios populares** (Pernambuco, 1950-1970). Dissertação (Mestrado em Educação) - PPGE-UFPE, Recife, 2005a.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. São Paulo: Altas, 2008.

VIANA, M. J. B. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade**. Tese (Doutorado em Educação) - FAE-UFMG, Belo Horizonte, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO COM AS FAMÍLIAS/RESPONSÁVEIS

PAIS E OU / RESPONSÁVEIS

Roteiro de entrevista

PERGUNTAS GERAIS:

- Idade – onde mora: rua e bairro – como é constituída a família: quantas pessoas – a renda familiar: mais ou menos que um salário mínimo – casa própria ou alugada? - Qual a formação escolar?– se trabalha qual atividade exerce.

PERGUNTAS ESPECÍFICAS:

- 1- Quantos filhos você tem nessa escola? Em que turmas?
- 2- Quem escolheu essa escola para os seus filhos? Por quê? Como foi o processo para obter a vaga?
- 3- Quanto tempo você utiliza para sair da sua casa e chegar à escola? Se usa algum meio de transporte qual é?
- 4- O seu aluno vai e volta da escola sozinho? Quem costuma levar e buscar ele na escola?
- 5- Você gosta dessa escola? Por quê?
- 6- Qual a importância da escola na educação de seu filho?
- 7- Como você considera o comportamento de seu filho na escola: bom, ruim, regular e por quê?
- 8- Você considera que seu/sua filho (a) gosta de estudar? Por quê?
- 9- Poderia me dizer como você participa das atividades relacionadas à escola?
- 10-Mais alguém da família participa das atividades da escola? Quem? De que forma?
- 11-Você participa da aprendizagem de seu filho? De que forma? Dê um exemplo?
- 12-Como é a rotina dele ao chegar em casa? O que ele costuma fazer até a hora de dormir?
- 13-Quem ajuda nas atividades escolares?

- 14- Ele costuma ir para a escola sem realizar as atividades? Por quê?
- 15- A professora costuma conversar com você? Em que momentos?
- 16- A escola se comunica com você? De que forma?
- 17- A família é incentivada a participar da vida escolar dos filhos nessa instituição?
De que forma? Poderia dar um exemplo?
- 18- Você acha que sua participação na escola influencia na vida escola de seu filho? Por quê?
- 19- Você acha que poderia colaborar mais com a aprendizagem de sua criança?
De que maneira?
- 20- De que maneira você acredita que influencia na vida escolar de sua criança?

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO:
PROFESSORA FAMÍLIA/RESPONSÁVEIS**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento Sr./Sr. ^a ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada **A INFLUÊNCIA FAMILIAR NA VIDA ESCOLAR DAS CRIANÇAS: um estudo de caso em uma escola da rede municipal do Cabo de Santo Agostinho-PE**, integrante do **Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação**, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal **compreender a influência exercida pela família na vida escolar de crianças do 1º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal do Cabo de Santo Agostinho- PE** e será realizada por Eulla Paula Barbosa do Nascimento Alencar, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de **entrevista**, com utilização de recurso de **áudio**, a ser transcrita na íntegra, quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados. Contudo, será mantido o anonimato dos respondentes participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a licenciando escrever sobre o tema que estuda, a partir da produção do conhecimento científico.

Consentimento pós-informação

Eu, _____, estou ciente das condições da pesquisa acima referida, da qual livremente participarei, sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

Cabo de Santo Agostinho-PE, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do/a participante

Assinatura do/a pesquisador/a



Impressão do dedo polegar caso o/a participante não saiba assinar.